



EDUCAÇÃO FÍSICA: A ESSÊNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Frederico Celestino Barbosa

Educação física: a essência das práticas corporais

1ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barbosa, Frederico Celestino
B238E Educação física: a essência das práticas corporais
/ Frederico Celestino Barbosa. – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2021

80 f.: il

DOI: 10.37423/2021.edcl296

ISBN: 978-65-5367-047-1

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. esporte 2. dança 3. lutas 4. exercício-físico I. Barbosa, Frederico Celestino II. Título

CDU: 796

<https://doi.org/10.37423/2021.edcl296>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

Dr. João Luís Ribeiro Ulhôa

Dra. Eyde Cristianne Saraiva-Bonatto

MSc. Frederico Celestino Barbosa

MSc. Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo

MSc. Plínio Ferreira Pires

Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2022

CAPÍTULO 1	5
AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A COORDENAÇÃO MOTORA	
Fabrício Borges	
Vinícius Dias Rodrigues	
Geraldo Magela Durães	
Jiulliano Carlos Lopes Mendes	
Alexandre Alves Caribé da Cunha	
Fernando Ferreira Deusdará	
Alex Sander Freitas	
DOI 10.37423/220105209	
CAPÍTULO 2	16
A MARCHA ATLÉTICA E SUA ESSÊNCIA DE PRÁTICA CORPORAL MOTIVACIONAL DOS PRINCIPAIS ATLETAS BRASILEIROS SUB-20 ANOS	
AGUINALDO SOUZA DOS SANTOS	
Eduardo Gauze Alexandrino	
Gislaine Cristina Vagetti	
VALDOMIRO DE OLIVEIRA	
DOI 10.37423/220105256	
CAPÍTULO 3	29
A INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS PARA A QUALIDADE DE VIDA IDOSA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Guilherme Rodrigues Gomes	
Michel David Santos Luna	
Matthews Galileu Ribeiro de Abreu	
Ana Yasmim Gomes de Lima	
Maria Taís da Silva Santos	
Magnum Jeymes Pereira Souza	
DOI 10.37423/220105258	
CAPÍTULO 4	40
EDUCAÇÃO INTEGRAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES COM AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS	
Juliane Suelen Gonçalves Rabelo Galvão	
Alfredo Feres Neto	
DOI 10.37423/220105277	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICAS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E O ENSINO DE DANÇA: CONHECIMENTO, SABERES E PODERES EM MOVIMENTO	
Renato Ribeiro Rodrigues	
DOI 10.37423/220205303	

CAPÍTULO 6 68

LUDOTECA UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DOS CORPOS-CRIANÇA QUE NELA
BRINCAM

Maria do Carmo Morales Pinheiro

Amanda Rezende Pereira

DOI 10.37423/220205324

Capítulo 1



10.37423/220105209

AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A COORDENAÇÃO MOTORA

Fabrício Borges

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Vinícius Dias Rodrigues

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Geraldo Magela Durães

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Jiulliano Carlos Lopes Mendes

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Alexandre Alves Caribé da Cunha

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Fernando Ferreira Deusdará

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*

Alex Sander Freitas

*Universidade Estadual de Montes Claros -
UNIMONTES*



Resumo: O objetivo do estudo foi avaliar a coordenação motora em escolares praticantes de lutas na Educação Física da Escola Municipal de tempo integral Rotare São Luiz de Montes Claros – MG. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva comparativa com caráter quantitativo, de corte transversal. A amostra foi composta por dois grupos de escolares inicialmente divididos por faixa etária: o grupo 1 composto por 20 alunos de (11 à 14 anos) que praticam aulas de lutas e o grupo 2 por 20 alunos (11 à 14 anos) que não praticam lutas, totalizando 40 sujeitos do sexo masculino e feminino com idade entre 11 à 14 anos. O instrumento utilizado foi à bateria de teste KTK desenvolvida por Kiphard; Schilling (1974). Os dados foram introduzidos e analisados a partir da utilização do software SPSS for Windows versão 20.0. Inicialmente foram realizados procedimentos de estatística descritiva a fim de caracterizar a amostra. Em seguida foi realizado o Teste "t" de Student para amostras independentes. Nesse caso foi utilizado um nível de significância de 95%. O estudo apresentou que na comparação entre os sexos os meninos foram sempre superiores que as meninas em todos os testes, porém na trave de equilíbrio essa diferença não foi significativa com $p=0,838$, e para os outros testes a diferença foi significativa ao nível de $p\leq 0,01$. Quando a comparação foi feita entre os alunos praticantes e não praticantes de lutas os resultados apontam que aqueles que são praticantes têm resultados melhores que os outros em todos os testes com $p\leq 0,01$, contudo no salto lateral essa diferença não se mostrou significativa com $p=0,063$. Portanto conclui-se que os alunos praticantes de lutas da Escola Municipal de tempo integral Rotare São Luiz têm melhor desempenho na coordenação motora do que os não praticantes, sendo apresentado nos resultados.

Palavras-chave: Coordenação Motora. Lutas. Educação Física.

INTRODUÇÃO

As lutas são conteúdos da Educação Física Escolar, porém são vistas e são restringidas nas aulas devido aos preconceitos relacionados a ela, como a associação das lutas com violência, com brigas e com lesões corporais graves. Esses preconceitos derivam do censo comum visto em nossa sociedade, porém reflete diretamente nos professores através dos pais dos alunos, que levam em consideração principalmente a transmissão da violência pela mídia (CORRÊA; QUEIRÓZ; PEREIRA 2010).

De acordo com Alves (2006), essa associação entre luta e violência no mesmo contexto deve-se ao fato da violência ter se tornado fonte de consumo e com isso rentável para a mídia gerando dinheiro. Tendo também outros problemas, que contribuem para afastar as lutas do ambiente escolar, como: professores que adotam sistemas repetitivos, práticas impensadas, rotineiras e mecânicas, má distribuição dos outros conteúdos, e ainda usá-los fora da grade escolar (atividades extracurriculares).

Como o ambiente escolar retrata o que acontece na sociedade, Betti (1991) fala que a luta como um conteúdo da educação física vem sofrendo restrições, pelos professores não utilizarem essa manifestação cultural em suas aulas, e ainda agredem o ensino delas. Exemplo de que a sociedade influencia o ambiente escolar é a “arte marcial, esporte e luta milenar o jiu-jítsu”, que sofre com esses preconceitos.

De acordo com Corrêa; Queiróz; Pereira (2010) cada luta possui uma origem, muitas sendo milenar e outras ainda recentemente como o “judô” (caminho da suavidade) que cruzou sua história com o jiu-jítsu, e se torna uma das lutas de maior popularidade, por ter uma conduta ética e de grande auxílio para desenvolver habilidades psicomotoras dos praticantes.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), as manifestações culturais do ser humano vêm de sua vivência individual, nas lutas tem esse mesmo aspecto, fazendo com que os alunos tenham conhecimento de seu próprio corpo, movimentos mais complexos e até conhecimentos históricos de tais conteúdos.

Segundo Ferreira (2006) já se pode comprovar que as lutas fazem sucesso em todas as faixas etárias, elas ajudam muito na liberação da agressividade das crianças, além de trabalhar nestas atividades todos os fatores psicomotores, também colaboram quando são exploradas as partes teóricas através do resgate histórico das modalidades e as relacionando com a ética e os valores. As lutas devem servir como instrumento de auxílio pedagógico ao professor de educação física, o ato de lutar deve se incluir no contexto histórico social cultural do homem, já que lutamos desde a pré-história por sobrevivência.

Desta maneira, a partir do conhecimento e da vivência com a prática das lutas, elas oferecem uma gama de experiências motoras e cognitivas, as lutas se engajam como um dos conteúdos propostos para sua utilização na educação física escolar. O objetivo do estudo foi de verificar a existência de variação na coordenação motora entre os escolares que praticam lutas na escola e aqueles que não praticam lutas na Educação Física da Escola Municipal de tempo integral Rotare São Luiz de Montes Claros - MG.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva comparativa com caráter quantitativo, de corte transversal visto que tem como objetivo descrever as características de uma determinada população ou fenômeno e estabelecer relações entre as variáveis apresentadas (MARTINS, 2002; GIL, 2002).

A população foi composta por escolares do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Tempo Integral da cidade de Montes Claros – MG. A amostra foi composta por dois grupos de escolares inicialmente divididos por faixa etária: o grupo 1 composto por 20 alunos de (11 á 14 anos) que praticam aulas de lutas e o grupo 2 por 20 alunos (11 á 14 anos) que não praticam lutas, totalizando 40 sujeitos do sexo masculino e feminino com idade entre 11 à 14 anos, se caracterizando como não probabilística, por conveniência.

O instrumento utilizado foi o Teste de Coordenação Motora (KTK) validado por Kiphard; Schilling (1974) que avalia a capacidade de coordenação motora das crianças utilizando quatro tarefas (trave de equilíbrio, salto mono pedal, saltos laterais e transferência sobre plataformas). Examinaram-se funções motoras básicas que desempenham um papel importante no desenvolvimento motor da criança à medida que a idade avança, lembrando-se que por meio do quociente motor geral é possível classificar os sujeitos da insuficiência até a coordenação normal. Trata-se de uma bateria de testes que utiliza as seguintes tarefas motoras avaliando os alunos quanto tempo, sequência, variabilidade e carga.

Inicialmente foi feito o contato com a escola e a entrega do Termo de consentimento da instituição (TCI), em e seguida foi realizada uma reunião com os pais dos alunos para a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação na pesquisa onde foi esclarecido todas as etapas da pesquisa. Os dados foram coletados a partir da primeira semana após o início das aulas da Escola de tempo integral e com termino após quatro semanas de aulas.

Os dados foram introduzidos e analisados a partir da utilização do software SPSS for Windows versão 20.0. Inicialmente foram realizados procedimentos de estatística descritiva a fim de caracterizar a amostra. Em seguida foi realizado o Teste "t" de Student para amostras independentes. Nesse caso foi utilizado um nível de significância de 95%.

O presente estudo foi realizado de acordo com as normas para a realização de pesquisa em seres humanos, Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde do Brasil - CNS de 12/12/2012. Para tanto, o mesmo foi submetido para apreciação e análise do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos, obtendo o parecer favorável sob o nº 1.502.055.

RESULTADOS

A partir da análise da Tabela 1, é possível visualizar os dados amostrais referentes aos valores encontrados durante a realização do teste de coordenação motora, subdividido em 4 exercícios sendo eles TE: Trave de Equilíbrio, SM: Saltos Monopedais, SL: Saltos Laterais e TP: Transferência de Plataformas.

Tabela 01. Valores descritivos dos resultados dos testes com a totalidade da amostra.

Testes	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Trave de Equilíbrio (TE)	40	59	103	81,03	11,40
Saltos Monopedais (SM)	40	49	99	72,50	12,23
Saltos Laterais (SL)	40	37	93	61,83	13,25
Transferência de Plataformas (TP)	40	38	83	56,13	11,73

A tabela 2 apresenta a classificação dos índices de coordenação motora entre sexos nos determinados exercícios. E tal especificação, se observarmos apenas o valor médio, demonstra certa distinção em relação aos gêneros. Porém se analisarmos a classificação da coordenação motora é possível verificar que as crianças do sexo masculino, em média, se encontram com uma coordenação motora superior as crianças do sexo feminino.

Tabela 02. Comparação dos resultados dos testes de acordo com o sexo.

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão Médio	Sig. (p)
TE	Masc	20	81,40	13,82	3,09	0,838
	Fem	20	80,65	8,68	1,94	

SM	Masc	20	78,00	10,14	2,27	0,003**
	Fem	20	67,00	11,89	2,66	
SL	Masc	20	68,40	10,10	2,26	0,001**
	Fem	20	55,25	12,92	2,89	
TP	Masc	20	63,35	10,83	2,42	0,000**
	Fem	20	48,90	7,43	1,66	

**p≤0,01

TE: Trave de Equilíbrio SM: Saltos Monopedais SL: Saltos Laterais TP: Transferência de Plataformas
A tabela 03 apresenta a classificação dos índices de coordenação motora de escolares praticantes e não praticantes de lutas relacionados com os 4 exercícios compostos no teste. Através dos resultados obtidos houve superioridade quanto aos praticantes de lutas em relação aos não praticantes.

Tabela 03. Comparação dos resultados dos testes entre os escolares que praticam lutas e os que não praticam.

	Luta	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão Médio	Sig. (p)
TE	Sim	20	89,60	6,40	1,43	0,000**
	Não	20	72,45	8,43	1,88	
SM	Sim	20	77,60	11,79	2,64	0,007**
	Não	20	67,40	10,67	2,39	
SL	Sim	20	65,70	13,80	3,09	0,063
	Não	20	57,95	11,75	2,63	
TP	Sim	20	60,80	13,65	3,05	0,010**
	Não	20	51,45	7,07	1,58	

TE: Trave de Equilíbrio SM: Saltos Monopedais SL: Saltos Laterais TP: Transferência de Plataformas

Discussão dos Resultados

Estes dados coincidem com os encontrados por Lopes et al., (2003) relacionando a questão do gênero no seu estudo feito com crianças de 6 a 10 anos realizadas em Portugal e no estrangeiro aplicando o teste KTK, mostrando que foram encontrados índices inferiores para as crianças do sexo feminino comparando com os resultados obtidos pelas crianças do sexo masculino. Possivelmente, essa diferença pode estar relacionada com diferentes oportunidades da prática motora, salientando-se o papel social e fatores biológicos associados a cada um dos sexos.

Pelozin et al., (2009) em seu estudo que se refere à associação entre a coordenação motora e o sexo dos escolares, notou-se que o grupo masculino apresentou níveis mais elevados em comparação às meninas, as quais demonstraram um percentual expressivo de baixa coordenação. As diferenças apresentadas na coordenação motora entre meninos e meninas podem ser explicadas, muitas vezes, pela diversidade de oportunidades possibilitadas no ambiente familiar e escolar, bem como pelo envolvimento mais efetivo do próprio grupo masculino em práticas de atividades físico-motoras.

Tais evidências revelaram que os meninos possuem o repertório motor melhor desenvolvido, reforça-se a ideia de que, culturalmente, eles possuem maior interesse e envolvimento com atividades físicas de modo geral. Além disso, as meninas dedicam menos tempo à participação de atividades e jogos ativos em comparação aos meninos (VALDIVIA et al., 2008).

Santos et al., (2010) corroboram destacando uma diferença entre os sexos e mostrando uma certa tendência generalizada para as meninas apresentarem perfis de coordenação motora inferiores, em comparação com os meninos.

De acordo com Soares et al., (2014) ao observar os níveis de coordenação motora e as diferenças entre os gêneros, os meninos demonstraram melhores desempenhos de coordenação motora do que as meninas, onde 56,36% meninas tiveram valores com insuficiências e perturbações na coordenação, e somente 13,21% meninos tiveram apresentaram essa insuficiência na classificação.

Segundo Ferreira (2006) a prática das lutas pode trazer inúmeros benefícios ao usuário, destacando-se o desenvolvimento motor, o cognitivo e o afetivo-social. No aspecto motor, observamos o desenvolvimento da lateralidade, o controle do tônus muscular, a melhora do equilíbrio e da coordenação global, o aprimoramento da ideia de tempo e espaço, bem como da noção de corpo. No aspecto cognitivo, as lutas favorecem a percepção, o raciocínio, a formulação de estratégias e a atenção. No que se refere ao aspecto afetivo e social, pode-se observar em alunos alguns aspectos importantes, como a reação a determinadas atitudes, a postura social, a socialização, a perseverança, o respeito e a determinação, contudo vem colaborar com os seguintes resultados encontrados expondo os ganhos que se tem com a pratica de lutas.

A prática de atividades físicas e esportivas organizadas e monitoradas, tanto no contexto escolar quanto em outros âmbitos da sociedade, deve estar adequada ao nível de desenvolvimento geral em que a criança se encontra. Dessa maneira, a realização dessas atividades é de fundamental importância para a promoção da saúde, do desenvolvimento da personalidade e da chance de ascensão e de integração social de crianças e adolescentes (LOPES, 1997).

Além disso, constituem-se em pré-requisitos para a aquisição, potencialização e o desenvolvimento das habilidades técnicas esportivas gerais. Os escolares que praticavam esportes extraclasse apresentaram níveis ligeiramente mais elevados de coordenação motora quando comparados aos que não praticam essas atividades.

Para Caetano et al., (2005) as alterações nos padrões de movimento ocorrem pela interação de fatores como a biologia do indivíduo, as exigências da tarefa e o ambiente, e modificadas a medida que o organismo evolui.

Segundo Strapasson et al., (2012) em seu estudo que avaliou a Coordenação Motora de 47 crianças e adolescentes, que treinam (G1 com 22 alunos) e que não treinam (G2 com 25 alunos) Badminton, utilizando a Bateria KTK, mostrou que os alunos que treinam badminton apresentam melhor Coordenação Motora. O grupo G1 apresentou “Boa Coordenação” enquanto o grupo G2 apresentou e “Coordenação Normal”. De acordo com esse estudo tudo leva a acreditar que quando se treina para algo o desempenho costuma ser melhor do que os que não realizam treinamento, fato esse que influenciou também no presente estudo, onde os praticantes de lutas obtiveram melhores índices no teste KTK- de coordenação motora do que os leigos da pratica.

Contudo Magill (2005) salienta que à medida que se pratica uma determinada habilidade, com o passar dessa prática vai tornando-se mais habilidoso nos padrões de movimento dos membros e do corpo, e assim, tentando adaptar esse padrão a novos contextos ambientais.

CONCLUSÃO

A prática das lutas pode trazer inúmeros benefícios ao usuário, destacando-se o desenvolvimento motor, o cognitivo e o afetivo-social. De acordo com outros estudos os escolares que praticavam ou praticam esportes extraclasse apresentaram níveis ligeiramente mais elevados de coordenação motora quando comparados aos que não praticam essas atividades. Assim tudo leva a certeza de que quando se treina para algo o desempenho costuma ser melhor do que os que não realizam treinamento, talvez seja por isso os praticantes de lutas obtiveram melhores índices do que os não praticantes na realização do teste KTK .

Portanto conclui-se que os alunos praticantes de lutas da Escola Municipal de tempo integral Rotare São Luiz têm melhor desempenho na coordenação motora do que os não praticante sendo apresentado nos resultados. Contudo o estudo apresenta algumas limitações como não conseguir controlar todas as variáveis, tempo de pratica e se os mesmos realizavam qualquer outro tipo de

pratica esportiva diferente, sendo assim recomenda-se novos estudos relacionando essas variáveis a pratica das lutas com enfoque na coordenação motora.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J.E.D. Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. In: 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História, ANPUH 2006, Rio de Janeiro - RJ.
- BETTI, M. Educação física e sociedade. São Paulo (SP): Revista Movimento, 1991.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.
- CAETANO, M.J.D.; SILVEIRA, C.R.A.; GOBBI, L.T.B. Desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses. Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum., Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 05-13, 2005.
- CORRÊA, A.O.; QUEIRÓZ, G.; PEREIRA, M.P.V.C. Lutas como conteúdo na Educação Física Escolar. Caraguatatuba (SP): MÓDULO Centro Universitário, 2010.
- FERREIRA, H.S. As Lutas na Educação Física Escolar. Revista Educação Física, Fortaleza, nº 135, p.36-44, Nov/ 2006.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. (4.ed) São Paulo (SP): Atlas, 2002.
- KIPHARD, E.J.; SCHILLING, V.F. Körperkoordinationstest Für Kinder KTK: manual Von Fridhelm Schilling. Weinheim: Beltz Test GmbH, 1974.
- LOPES, V.P. Análise dos efeitos de dois programas distintos de Educação Física na expressão da aptidão física, coordenação e habilidades motoras em crianças do ensino primário. 1997. 298 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, Porto, 1997.
- LOPES, V.P.; MAIA, J.A.R.; SILVA, R.G.; SEABRA, A.; MORAIS, F.P. Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v.3, n.1, 2003.
- MAGGIL, R. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. (8.ed) São Paulo (SP): Phorte Editora, 2011.
- MARTINS, G.A. Manual para elaboração de monografias e dissertações. (3.ed) São Paulo (SP):Atlas, 2002.
- PELOZIN, F.; FOLLE, A.; COLLET, C.; BOTTI, M.; NASCIMENTO, J.V. Nível de coordenação motora de escolares de 09 a 11 anos da rede estadual de ensino da cidade de Florianópolis/SC. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.8, n.2, p. 123-132, 2009.
- SANTOS, A.T.; ROCHA, J.S.B.; TOLENTINO, M.A.; JÚNIOR, A.L. Desenvolvimento da coordenação motora: estudo comparativo entre crianças praticantes e não praticantes de natação na cidade de Montes Claros, MG. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, v. 14, n. 141, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd171/avaliacao-da-coordenacao-motora-de-badminton.htm>> Acesso em: 28/11/2016.

SOARES, N.I.S.; LEONE, I.D.; COSTA, V.B.; SILVA, V.F.; CABRAL, P.U.L.; VIEIRA, C.M.S.; et al. Coordenação Motora Em Escolares: Relação Com A Idade, Gênero, Estado Nutricional E Instituição De Ensino. BIOMOTRIZ. vol 8, n.1. Jul. 2014.

STRAPASSON, A.M. Avaliação da coordenação motora de crianças e adolescentes que treinam e que não treinam badminton. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, v. 17, n. 171, ago. 2012. Disponível

em:<<http://www.efdeportes.com/efd171/avaliacao-da-coordenacao-motora-de-badminton.htm>>
Acesso em: 29/11/2016.

VALDIVIA, A.B.; CARTAGENA, L.C.; SARRIA, N.E.; TÁVARA, I.S.; SEABRA A.F.T.; SILVA, R.M.G.da; et al. Coordinación motora: influencia de la edad, sexo, estatus socio-económico y niveles de adiposidad en niños peruanos. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, v. 10, n. 1, p. 25-34, 2008.

Capítulo 2



10.37423/220105256

A MARCHA ATLÉTICA E SUA ESSÊNCIA DE PRÁTICA CORPORAL MOTIVACIONAL DOS PRINCIPAIS ATLETAS BRASILEIROS SUB-20 ANOS

AGUINALDO SOUZA DOS SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

Eduardo Gauze Alexandrino

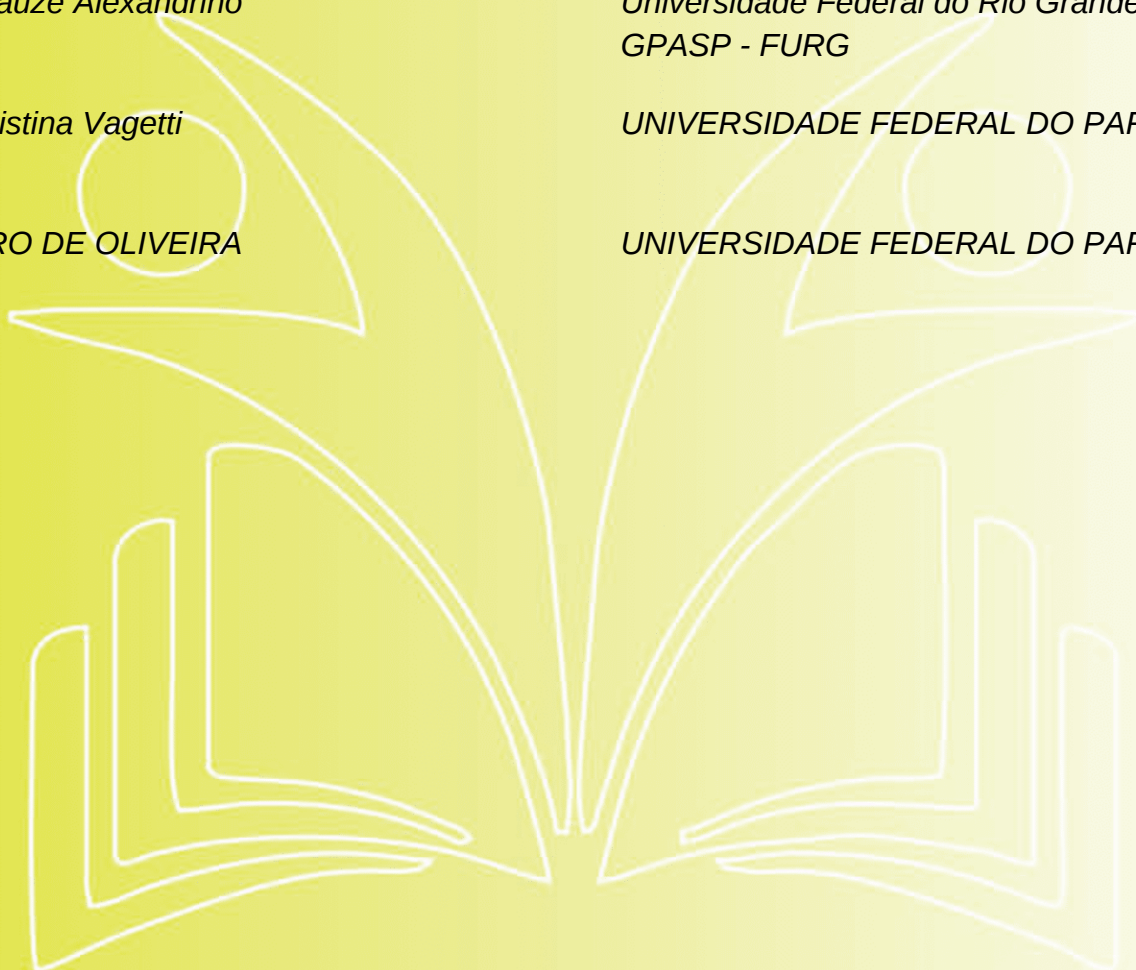
*Universidade Federal do Rio Grande -
GPASP - FURG*

Gislaine Cristina Vagetti

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA



Resumo: Este estudo, de natureza descritiva, tem como objetivo identificar os principais motivos que levam os atletas marchadores da categoria sub-20 a persistirem no treinamento para competição da prova de 10 km marcha atlética. A população deste estudo foi constituída pelos marchadores do XX Campeonato Brasileiro sub-20 de Atletismo, sendo a amostra composta por 10 marchadores ranqueados entre os 10 melhores do Brasil (5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino). Utilizou-se como instrumento de coleta um questionário proposto por Serpa (1990), composto por 08 perguntas objetivas sobre motivos que levam atletas a persistirem em sua modalidade, onde eles escolheram respostas: “pouco importante”, “importante” e “muito importante”, com escores respectivos de 1, 3 e 5 pontos. Os principais resultados mostraram que 60% dos atletas participaram de competições internacionais nos 02 últimos anos. Na categoria masculina, o tempo médio de treinamento diário foi de 3,3 horas (7,4 vezes na semana). Na categoria feminina treinavam 6,2 vezes na semana, com tempo diário médio de 2,6 horas. A prova de marcha atlética é um exercício altamente desgastante, que exige dos atletas ampla preparação física e mental. Durante as jornadas de treinamento intenso, os atletas necessitam de motivos para continuarem treinando. Constatou-se que o motivo mais importante para os marchadores foi o de “superar a si mesmo”, com 18% dos pontos, seguido de “realização de um sonho”, com 16%. O motivo “superar obstáculos” apareceu na terceira colocação (14%). “Superar o adversário” e “recompensas financeiras” são fatores que os marchadores consideram pouco importante em suas carreiras esportivas. Conclui-se que os motivos que levam os marchadores a persistirem no treinamento para competição na marcha atlética foram os relacionados à superação de si mesmo, realizar um sonho pessoal e superar obstáculos.

Palavras-Chave: Marcha atlética. Motivação. Desempenho esportivo. Atletismo.

INTRODUÇÃO

A motivação é um aspecto fundamental para o ser humano buscar e alcançar seus objetivos. O comportamento motivacional é diferente entre os indivíduos, sobretudo entre os praticantes de esportes a longo prazo. A motivação (razão e/ou ação para realizar um objetivo) classifica-se em intrínseca e extrínseca (SAMULSKI, 1990). No meio esportivo, os aspectos intrínsecos permeiam condições do desejo interno de satisfação, prazer e desafio, sendo uma fortaleza inseparável do indivíduo diante daquela prática corporal. Os aspectos extrínsecos estão relacionados aos fatores externos-ambientais decorrentes do resultado daquela prática, como troféus, premiações, elogios, bolsa de estudos, entre outros (VALLERAND, 2007; SOUZA *et al.*, 2016).

Pouco se sabe sobre os fatores motivacionais de atletas brasileiros da modalidade olímpica Atletismo. Até onde sabemos, esse é o primeiro estudo a relatar os fatores que motivam os melhores atletas ranqueados sub-20 anos, período de transição para a categoria adulta, na prova de Marcha Atlética. Essa modalidade e sua essência de prática corporal mostram a possibilidade de desenvolver corporeidade do atleta. No entanto, os longos períodos de treinamento e competições exaustivas submetem o corpo à fadiga e o psicológico, a condições extremas (GARCIA; ZAFRA, 2001), nas quais a motivação e resiliência (ROMERO; BAIDEZ; CHIRIVELLA, 2018), aliadas aos objetivos intrínsecos e extrínsecos estabelecidos (VALLERAND, 2007), fazem com que os jovens atletas não desistam e continuem se dedicando em prol desse esporte (SAMULSKI, 1990).

A prova de Marcha Atlética é longa, varia de 5km a 50km de acordo com a categoria, independentemente das condições de estrutura e ambientais do dia da competição. A prova faz parte do programa oficial dos Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos, Jogos Mundiais de Atletismo, Campeonatos Sul-Americanos, Copa Brasil e Campeonatos Brasileiros de 04 categorias oficiais da Confederação Brasileira de Atletismo, nas categorias masculina e feminina (CBAt, 2021). Em cada categoria de idade, os marchadores percorrem uma distância diferente, respeitando a maturação e tempo de treinamento dos praticantes, justamente por ser uma das provas que mais exige fisicamente, psicologicamente (referente ao tempo de prova e de treinamento) e tecnicamente (complexidade contínua da técnica de execução e regras rígidas) dos atletas.

Estima-se que os atletas praticantes de Marcha Atlética necessitam prender-se a metas, valores e disciplina assídua para prosseguir na sua rotina de treinamentos e competições, e que estruturas de incentivo da prática (campings) e mais eventos competitivos devem ser criados (BERTOLINO, 2002; ROMERO; BAIDEZ; CHIRIVELLA, 2018; PISTOR; SANTOS, 2020). No entanto, o esporte, enquanto prática

corporal, deve ir além do seu contexto esportivo de rendimento e financeiro. Um estudo recente que avaliou a percepção da trajetória esportiva de atletas do atletismo considerou muito importante o desenvolvimento educacional e humano, pois o esporte, quando desenvolvido ao longo do tempo, auxilia na formação do jovem praticante, independentemente do nível competitivo alcançado (SANTOS *et al.*, 2020).

Nesse sentido, é necessário entender quais os fatores de motivação contribuem para o melhor entendimento dos processos psicológicos dentro do esporte, sobretudo em modalidades com características diárias físicas intensas (BOMFIM; SANTOS, 2008; JUSTINO; SANTOS, 2009; ROMERO *et al.*, 2018), e que atletas tão jovens já apresentam fortalezas psicológicas notáveis. Esses dados podem contribuir nos planejamentos diários de modalidade esportivas semelhantes (SANTOS *et al.*, 2020) e se tornarem objetos de análise para os dirigentes esportivos locais, estaduais e confederativos, visando o melhor desempenho e saúde física (FARINA *et al.*, 2011), mental (GARCIA; ZAFRA, 2001; ROMERO *et al.*, 2018) e social (PISTOR; SANTOS, 2020) desses atletas.

Desse modo, o presente capítulo tem como objetivo identificar os motivos primordiais que levam os principais atletas de Marcha Atlética sub-20 anos do Brasil a persistirem no treinamento para competição dessa prática corporal. Justifica-se esse estudo, no sentido de que os dados e discussões geradas poderão auxiliar técnicos e dirigentes esportivos na adoção de condutas que promovam maior valorização de mídia, financeira e adesão destes jovens atletas no contexto esportivo, e, como resultado, a busca pela excelência nos treinos e melhores resultados nas competições nacionais e internacionais, e principalmente, um projeto de saúde e qualidade de vida pós-esporte.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracterizou-se como descritiva (THOMAS; NELSON, 2012) e sua população foi constituída pelos marchadores participantes do “XX Campeonato Brasileiro Juvenil de Atletismo”, chancelado pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) e realizado na cidade de Maringá, Paraná, em setembro de 2011. Esta competição esportiva configura-se como o maior evento de Atletismo do Brasil na categoria, e reuniu os 10 atletas melhores ranqueados do país, mais convidados, em cada uma das provas da categoria Juvenil (nomenclatura atual “Sub-20 anos”). Além de indicar e premiar os melhores atletas da categoria, o Campeonato Brasileiro também teve como objetivo selecionar os 02 representantes da Seleção Brasileira de Atletismo Sub-20 para o Campeonato Sul-Americano daquele ano.

A amostra foi composta por um grupo especial de atletas em formação de alto nível, sendo 10 marchadores ranqueados entre os 10 melhores do país (5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino). Utilizou-se como instrumento para coleta de dados um questionário proposto por Serpa (1990), composto por 08 questões objetivas sobre motivos que levam os atletas a persistirem em sua modalidade, onde eles escolheram as respostas dentre as opções “pouco importante”, “importante” e “muito importante”, com escores respectivos de 1, 3 e 5 pontos.

Este instrumento e suas adaptações já foi utilizado com escolares adolescentes (CID, 2002), atletas universitários (BARROSO *et al.*, 2005), jogadores de futebol universitários (REBELO; MONTEIRO, 2009), finalistas do salto triplo do Troféu Brasil de Atletismo (BOMFIM; SANTOS, 2008), atletas de provas combinadas (decatlo) (JUSTINO; SANTOS, 2009), escolares praticantes de esporte do projeto “Segundo Tempo” (OLIVEIRA *et al.*, 2010), escolares praticantes de dança de salão (SHIBUKAWA *et al.*, 2011), entre outros. Para a análise dos dados, foi utilizada a estatística descritiva por meio de porcentagem e análise dos pontos obtidos pelos atletas da Marcha Atlética, utilizando o programa *Microsoft Excel 2010*.

Este estudo seguiu os princípios éticos em pesquisa com seres humanos. Todos os sujeitos foram informados e orientados com antecedência sobre a realização e objetivos do estudo e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual garantiu a privacidade de informações pessoais. Ressalta-se que parte dos dados foi apresentada e publicada nos anais do “XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” e “VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte”, ambos em 2015 e atualizados para este estudo em 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo explorou o fenômeno motivacional de atletas de alto nível competitivo da Marcha Atlética, considerada uma das provas mais complexas do Atletismo, devido ao alto rigor técnico exigido pela prática corporal, além de uma rotina intensa de treinamento. Destaca-se que se trata de jovens em período de transição para a categoria adulta e possíveis representantes do Brasil em competições futuras.

Neste estudo, 60% dos atletas participaram de competições internacionais como, mundiais (1 atleta), pan-americanos (3 atletas) e sul-americanos (6 atletas), em suas categoriais, nos dois últimos anos. Todos os atletas relataram ter participado de 04 ou mais competições de nível nacional. Quanto às características dos atletas marchadores, observa-se na tabela 1, que, na categoria masculina, o tempo

médio de treinamento diário foi de 3,3h, com uma frequência de 7,4 vezes na semana, o que sugere alta carga de trabalho semanal com atividades em um ou mais períodos por dia, durante a semana. Atletas do sexo feminino praticam (treinam e competem) a prova de Marcha Atlética há mais tempo que os atletas homens (5,6 anos contra 3,7 anos) e elas têm uma carga de trabalho de 6,2 vezes de treinamento na semana, com tempo diário médio de 2,6h. Como esperado, devido à demanda energética da modalidade, o índice de massa corporal dos marchadores foi 20,4 kg/m² entre os atletas homens e 17,2 kg/m² entre as atletas mulheres.

Tabela 1. Perfil dos atletas de Marcha Atlética do Campeonato Brasileiro Juvenil de Atletismo, realizado em Maringá, Paraná, 2011.

Sexo	Tempo em anos de Marcha Atlética	Frequência de treino semanal	Horas de treino diário	Índice de Massa Corporal (kg/m²)
Masculino	3,7 anos	7,4 vezes	3,3h	20,4
Feminino	5,6 anos	6,2 vezes	2,6h	17,2
Total	4,6 anos	6,8 vezes	3h	19,2

A prova de 10 km de Marcha Atlética é um exercício altamente desgastante, que exige dos atletas ampla preparação física e mental. A modalidade, por si só é uma das provas mais complexas do Atletismo, devido ao rigor técnico exigido. Logo, para melhor performance nas competições, são necessários longos períodos de treinamento para suportar adequadamente as disputas exaustivas que submetem o corpo à fadiga intensa. Nesse estudo, observou-se que há quase 5 anos (média de 4,6 anos) esses atletas, com importantes resultados internacionais e nacionais, se expõem a rotinas intensas de treinamento diário e semanal. Nesse sentido, acredita-se que os fatores psicológicos dos atletas são preponderantes para fazer esses jovens superarem as condições físicas extremas e perseverar nesse esporte.

A motivação e perseverança ligada a um objetivo estabelecido fazem com que esses atletas não desistam e continuem se esforçando frente a essas circunstâncias exaustivas. Tal resiliência diária é interesse de diversas áreas de pesquisa em Educação, Psicologia e Fisiologia. Desse modo, esses jovens atletas questionados sobre os motivos que fazem os principais atletas sub-20 anos do Brasil praticantes da prática corporal Marcha Atlética persistirem no treinamento e nas competições estão descritos no gráfico 1, a seguir.

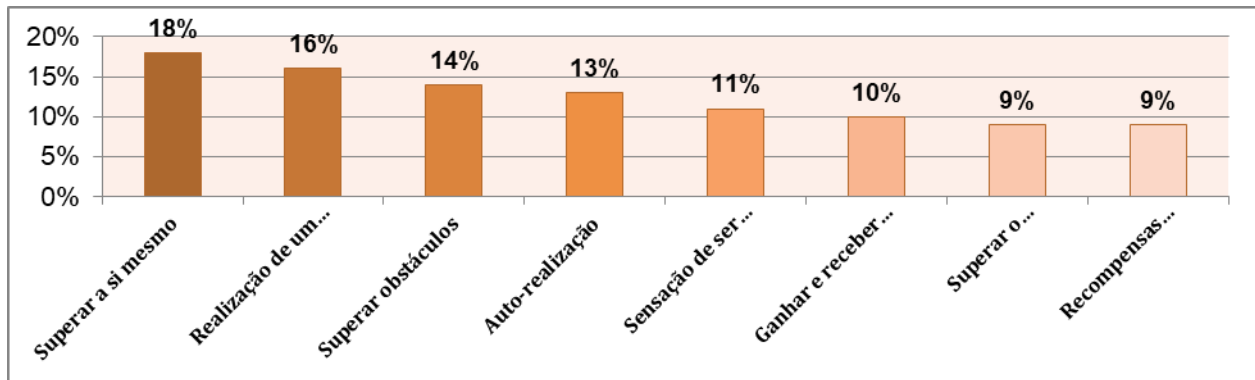


Gráfico 1. Motivos da prática da prova de Marcha Atlética dos atletas sub-20 anos do Campeonato Brasileiro de Atletismo Juvenil, realizado em Maringá, Paraná, 2011.

Durante as jornadas de treinamento intenso, os atletas necessitam de motivos para continuarem treinando, para alcançarem seus objetivos. Constatou-se que o motivo mais importante para os marchadores sub-20 anos foi o de “superar a si mesmo”, com 18% dos pontos, seguido de “realização de um sonho”, com 16%. O domínio dos fatores motivacionais fortalece e leva o atleta a reagir pela vitória. Atletas buscam superar seus próprios resultados dando o melhor de suas potencialidades e superando seus limites físicos. Um estudo brasileiro com 133 atletas do Atletismo demonstrou que aqueles mais velhos (categorias sub-20 anos, sub-23 anos e adultos) são movidos por motivos intrínsecos em relação às categorias de base (SOUZA *et al.*, 2016).

Um estudo realizado com os 15 finalistas da prova de Salto Triplo do “Troféu Brasil de Atletismo” (maior competição sul-americana da modalidade), com atletas olímpicos e medalhistas em campeonatos mundiais mostrou que o “superar a si mesmo” é o principal fator de permanência na prática modalidade, assim como neste estudo com marchadores, seguido de “realização de um sonho” (BOMFIM; SANTOS, 2008). Outro estudo, realizado com 12 decatletas na “Copa São Paulo de Provas Combinadas”, mostrou que a “realização de um sonho” foi o principal motivo de permanecer praticando a modalidade, seguido de “superar obstáculos” e “autorrealização”. Em ambos os estudos supracitados, relacionados aos dados dessa pesquisa com os principais marchadores sub-20 anos, mais os resultados de Souza *et al.* (2016), percebe-se que todos os motivos de realização têm certo grau de importância para os atletas. No entanto, os fatores intrínsecos perduram como fator motivacional mais precioso para os atletas do atletismo brasileiro.

A realização de um sonho no meio esportivo é fundamental para executar determinada função com satisfação (SAMULSKI, 1990; VALLERAND, 2007). Um estudo com atletas de alto rendimento de Marcha Atlética avaliou o efeito de uma intervenção de 10 sessões (60-90 minutos cada), utilizando o

método “Coaching motivacional” com resultados notáveis na variável autoeficácia e benefícios nas variáveis bem-estar psicológico e autoestima (ROMERO; BAIDEZ; CHIRIVELLA, 2018). Na mesma perspectiva, outro estudo destacou que a intervenção e acompanhamento psicológico de atletas de Marcha Atlética devem ser contínuos e com intervenções específicas, de acordo com o próprio calendário, deve se expandir também para a equipe técnica e deve ter uma medida de análise no final (GARCIA; ZAFRA, 2001).

Na pesquisa de Coimbra (2009), a quantidade de investigações na área de Psicologia do Esporte vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. A maioria dos trabalhos abordam diferentes temas, utilizam vários métodos e amostras, mas poucos são os que realmente preocupam-se com a real necessidade dos atletas e treinadores para um trabalho em conjunto com psicólogo no esporte. Estes resultados relacionados com o treinamento pesado da marcha (Tabela 1), seu impacto na saúde postural (FARINA *et al.*, 2011) e as possíveis manifestações fisiológicas como fadiga generalizada, dificuldade de concentração, câimbras, além da necessidade da técnica apurada para êxito, preconceito e possíveis prejuízos na atividade acadêmica/escolar (PISTOR; SANTOS, 2020), podem exigir ampla preparação psicológica dos atletas.

O motivo “superar obstáculos” apareceu com a terceira maior prevalência (14%). Com esses resultados, podemos inferir que atletas que buscam superar obstáculos apresentam aspectos marcantes de personalidade como colocar tensões e responsabilidade em si próprios, efetuar mudanças e obter sucesso pelo próprio mérito. No entanto, esses dados devem ser analisados com atenção, pois esse cenário foi abordado em um trabalho de conclusão de curso recente, com importantes contribuições para a modalidade, no qual observou-se que a condição socioeconômica dos atletas da Marcha Atlética brasileira mostra falhas no processo de transição para o alto rendimento esportivo atuando como obstáculo aos atletas que querem pertencer ao grupo competitivo. O estudo identificou que as principais limitações dos atletas brasileiros da Marcha Atlética são a desigualdade de gênero e preconceito à prática da modalidade, o grau de instrução da família e renda financeira (PISTOR; SANTOS, 2020).

Colaborando com a discussão, um estudo recente (SANTOS *et al.*, 2020) investigou a percepção individual da trajetória esportiva, tendo como base o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, de 20 atletas que alcançaram (10) e não alcançaram (10) o alto rendimento no Atletismo do município de Paranavaí, Paraná. Os autores concluíram que, mesmo os atletas que não alcançaram o alto rendimento (representantes de seleção brasileira) relataram usufruir dos benefícios proporcionados

pela prática do Atletismo, o que solidifica que um trabalho técnico, treinos intensos e competições mensais ao longo dos anos sobrepõem a simples obtenção de medalhas e de resultados esportivos, viabilizando que o Atletismo como prática corporal permite potencializar as possibilidades de desenvolvimento geral dos praticantes, independente de alcançar o alto nível ou não (SANTOS *et al.*, 2020).

Ao contrário do que se esperava, observou-se que os motivos “superar o adversário” e “recompensas financeiras” são fatores de motivação considerados como pouco importantes pelos jovens atletas marchadores em suas carreiras esportivas. Bertolino (2002) destaca que a ausência de premiações em dinheiro nas competições é um fator que desmotiva os atletas. Tal cenário, quando comparado às corridas de rua, dificulta a sustentação dos treinamentos e competições. Destaca-se que o desgaste das provas de Marcha Atlética é maior do que as provas de velocidade, meio fundo, saltos e arremessos e, por esse motivo, o treinador deve organizar o calendário anual do atleta, sistematizando os períodos de treinamento, para atingir os objetivos da temporada.

A consciência a respeito do que leva o indivíduo a buscar determinado esporte, isto é, a experimentar suas possibilidades, benefícios e desgastes psicológicos por meio de um objetivo definido, é essencial para manter o atleta em treinamento diário, levando o corpo, muitas vezes, ao limite. A motivação e o discurso persuasivo refletem o ímpeto de conhecer cada vez mais o ser humano e tudo mais que traz para sua existência a vontade de expressar-se, de realizar sonhos, atingir metas e superar limites. Sobretudo, nas provas de longa duração, como a marcha atlética, onde o prazer pela superação e estresse caminham lado a lado (SANTOS *et al.*, 2015).

A motivação para treinar e competir nesta prova exige grande resiliência, considerando o perfil individual, estrutura do local de treinamento, da condição socioeconômica e do aprendizado dos princípios inerentes trazidos pelo esporte à personalidade dos praticantes. Nesse sentido, destaca-se como ponto forte desse estudo seu caráter inédito de ser, até onde sabemos, o primeiro estudo com marchadores sub-20 anos, com importantes resultados internacionais e nacionais, campeonatos mundiais: uma medalha de prata com Caio Oliveira de Sena Bonfim, marcha 20km; Copa do Mundo de Marcha atlética um bronze Erica Rocha de Sena, marcha 20km; Jogos Pan-Americanos prata, com Mario Jose dos Santos Junior, marcha 50km; prata Erica Rocha de Sena, marcha 20 km, prata Caio Oliveira de Sena Bonfim, marcha 20km; e; bronze, com Marcelo Moreira Palma, 20km; Caio Oliveira de Sena Bomfim, marcha 20km; Erica Rocha de Sena, marcha 20km (Confederação Brasileira de Atletismo, 2021).

Estudos descritivos sobre os aspectos motivacionais com diferentes esportes devem ser conduzidos para verificar a existência de perfis motivacionais específicos de cada esporte, por categoria e de acordo com nível socioeconômico dos participantes em atletas jovens, contribuindo para potencializar as ciências do movimento humano.

CONCLUSÃO

Por meio dos resultados analisados, pode se concluir que os motivos que levam os marchadores a persistirem no treinamento para competição na marcha atlética foram os relacionados a “Superar a si mesmo”, com “Realização de um sonho” e “Superar obstáculos”. Na discussão dos dados, percebeu-se que os fatores intrínsecos são os principais fatores motivacionais dos atletas do atletismo brasileiro. A carga de treinamento intensa dos marchadores exige que a equalização de suas funções motivacionais esteja preparada para situações desgastantes nos treinos e nas competições. Por fim, neste processo de treino árduo, inclusive, os níveis de saúde geral, os valores éticos, o bem-estar psíquico e motivacional devem ser objeto de atenção e políticas dos treinadores e entidades esportivas para que os atletas possam obter sucesso no treinamento, competições e pós-esporte.

REFERÊNCIAS

BARROSO, M.; ARAÚJO, A.G.S.; KEULEN, G.E.V.; BRAGA, R.K.; KREBS, R.J. Motivos de prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina. Fórum Internacional de Esportes. Anais, 6,11-1. Disponível

em:https://www.researchgate.net/profile/Mario-Barroso/publication/283530018_UNIVERSITARIOS_EM_SANTA_CATARINA/links/568bb4f208aebccc4e1c057c/UNIVERSITARIOS-EM-SANTA-CATARINA.pdf. Acesso em: 16 jan. 2022.

BERTOLINO, C.L. Potencial de Excelência da Marcha Atlética Brasileira. Motriz, v.8, n.3, pp. 105–108, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n3/Bertolino.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BOMFIM, A.; SANTOS, A.S. Fatores motivacionais dos triplistas participantes do XXVII Troféu Brasil de Atletismo – 2008. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR-FAFIPA), Paranavaí, 2008. Disponível em: .. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Confederação Brasileira de Atletismo: Categorias oficiais. Disponível em: https://www.cbaf.org.br/atletismo/categorias_oficiais.asp. Acesso em: 10 jan. 2022.

CID, L.F. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. Educación Física y Deportes, 2002. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd55/motiv.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022.

COIMBRA, R.D.; GOMES, S.S.; CARVALHO, F.; RENATO, R.; GUILLEN, F.; FILHO, M.B. O papel da psicologia do esporte para atletas e treinadores. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v.16, n.3, 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-727522>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FARINA, E.C.R.; CURTIPASSI, J.W.; TRIBESS, D.; ROMÃO, J. Alterações posturais em atletas de marcha atlética de alto rendimento. Revista da UNIFEDE, v. 1, n. 09, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/45/36>. Acesso em: 04 jan. 2022.

JUSTINO, P.E.S.; SANTOS, A.S. Caracterização dos fatores motivacionais dos decatletas participantes da III Copa São Paulo de Provas Combinadas – 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR-FAFIPA), Paranavaí, 2009. Disponível em: https://cbaf.org.br/desenvolvimento/artigo_conselho/artigo3.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

NIETO, G.; OLMEDILLA, A. Planificación del entrenamiento psicológico en atletas de elite: un caso en marcha atlética. Revista de Psicología del Deporte, v. 10, n. 1, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/13296317.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2022.

PISTOR, E.; SANTOS, F.P. A desigualdade das condições socioeconômicas dos atletas de alto rendimento da marcha atlética brasileira. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas (Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2020. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221205/TCC_REVISADO_VERSAO_FINAL-mesclado_assinado.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 jan. 2022.

REBELO, G.M.; MONTEIRO, A.O. Motivação: um estudo realizado com a equipe de futebol masculino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18899>> Acesso em: 08 jan. 2022.

ROMERO, J.R.; BAIDEZ, M.M.; CHIRIVELLA, E.C. Entrenamiento psicológico mediante el coaching motivacional en alto rendimiento: una experiencia en marcha atlética. Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico, v. 3, n. 2, p. 1-9, 2018. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/6138/613865230004/613865230004.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SAMULSKI, D. M. Psicologia do esporte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1990.

SANTOS, A.S.; BICHELS, A.; VAGETTI, G.C.; BÔAS, M.D.S.V.; OLIVEIRA, V. Percepción de atletas sobre sus trayectorias en el atletismo a partir del Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner. Lecturas: Educación Física Y Deportes, Buenos Aires, v. 25, n. 264, p. 94-111, 2020. DOI: 10.46642/efd.v25i264.1763. 2020. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/download/1763/1201?inline=1>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SANTOS, A.S.; KRAWUTSCHKE, A.; OLIVEIRA, S.R.L.; ALEXANDRINO, E.G.; VAGETTI, G.C.; OLIVEIRA, V. Fatores motivacionais em atletas juvenis de marcha atlética. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte VI Congresso Internacional de Ciências o Esporte. Anais. Vitória, Espírito Santo, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340448980_FATORES_MOTIVACIONAIS_EM_ATLETAS_JUVENIS_DE_MARCHA_ATLETICA. Acesso em: 05 dez. 2021.

SERPA, S. Motivação para a Prática Desportiva: Desporto Escolar, Brasília. Facdesc, p. 101 - 111, 1990.

SOUZA, R.S.; LIMA, J.R.P.; WERNECK, F.Z.; BARA-FILHO, M.G.; FREITAS, J.V. Motivação de jovens e adultos para o treinamento do atletismo. Pensar a Prática, v. 19, n.4, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-913391>. Acesso em: 16 jan. 2022.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. Métodos de pesquisa em atividade física. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALLERAND, R.J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation for Sport and physical activity. In: HAGGER, M.S.; CHATZISARANTIS, N.L.D. (eds.). Intrinsic Motivation and self-determination in exercise and sport. Human Kinetics. P.255- 280, 2007.

Capítulo 3



10.37423/220105258

A INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS PARA A QUALIDADE DE VIDA IDOSA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Guilherme Rodrigues Gomes

Universidade Federal de Campina Grande

Michel David Santos Luna

Centro Universitário Leão Sampaio

Matthews Galileu Ribeiro de Abreu

Faculdade Santa Maria

Ana Yasmim Gomes de Lima

Universidade Federal de Campina Grande

Maria Taís da Silva Santos

Universidade Federal de Campina Grande

Magnum Jeymes Pereira Souza

Faculdade Santa Maria



Resumo: As atividades físicas estão diretamente relacionadas a qualidade de vida, mental e corporal da população, devido a diversas contribuições para o corpo humano, de forma que estimulam diversos segmentos do corpo a queima de gordura e produção de hormônios, causando um equilíbrio nas sistemas corporais. Em destaque, o corpo da população idosa por apresentarem maiores dificuldades de locomoção e tendências a algumas doenças, como diabetes, colesterol e doenças cardíacas, devido a pouca segurança corporal e menor flexibilidade. Dessa forma, o presente estudo visa desenvolver pesquisa do tipo revisão sistemática, com o propósito de responder a então pergunta de questão: “Qual a influência das atividades físicas para a população idosa?”. Através de etapas implementadas para a revisão, como: definição da pergunta de pesquisa, identificação da base de dados, critérios para a seleção dos trabalhos, revisão e análise dos artigos e análise dos resultados, obteve que: contribuem com a manutenção da capacidade aeróbia e da massa muscular; redução da taxa de mortalidade; prevenção de doenças coronarianas; melhora do perfil lipídico; modificação da composição corporal; prevenção/controle da diabete tipo II e hipertensão arterial; redução da ocorrência de acidente vascular cerebral; prevenção primária do câncer de mama e cólon; redução da ocorrência de demência; melhora da auto-estima; diminuição da ansiedade e do estresse e menor probabilidade de contrair doenças mentais. Dessa forma, conclui-se que mesmo em consequência das limitações e dificuldades devido a idade avançada, a praticidade das atividades físicas podem promover uma qualidade de vida corporal e mental digna.

Palavras-Chave: Terceira Idade. Exercícios Físicos. Vida Saudável.

INTRODUÇÃO

Os hábitos da sociedade moderna, como a inatividade física aliada a um avanço tecnológico, impactaram diretamente na vida das pessoas, aumentando assim o sedentarismo e, conseqüentemente, elevando os níveis de pessoas com sobrepeso, obesidade e doenças, como hipertensão e diabetes, tornando cada vez mais necessário a prática de atividades físicas regulares na rotina da sociedade, que impacta diretamente na saúde, melhorando a qualidade de vida e obtendo uma maior longevidade (JESUS, et al 2017).

Diante da conscientização da importância da prática de exercício físico, há uma preocupação cada vez maior por parte da população com a melhoria da qualidade de vida, este fator tem levado a um aumento de público nas academias de ginástica (PEIXOTO & CRUZ, 2019).

A musculação ganhou muitos praticantes por proporcionar um aprimoramento do condicionamento físico, da massa muscular, redução da massa gorda e melhora na qualidade de vida. As academias de musculação vêm se tornando uma opção procurada, seja para um bem estar social, físico ou psicológico levando em consideração a procura por um bem estar geral (SABA, 2012).

Apolinário et al. (2019) analisou os fatores motivacionais para a prática de musculação em alguns aspectos, como controle de estresse, saúde, sociabilidade, competitividade, estética e prazer. O fator saúde foi que obteve o maior escore seguido por prazer para o masculino e estético para feminino, seguidos dos seguintes fatores, controle de estresse, sociabilidade e competitividades.

Segundo Capriani et al. (2010), a capacidade funcional, especialmente no que se refere à dimensão física, é um dos importantes marcadores de um envelhecimento bem sucedido e de uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, a manutenção e preservação da capacidade física através de exercícios físicos contribui para um prolongamento de vida e melhora a sua qualidade, tornando-a mais saudável.

Um estilo de vida inativo pode ser a principal razão pela qual as atividades físicas diárias não possam ser executadas na terceira idade, devido a pouca flexibilidade e segurança corporal, porém um programa de exercícios físicos além de promover mais mudanças qualitativas do que quantitativas, podem aumentar a velocidade e segurança em executar tarefas (FRANCHI & MONTENEGRO, 2005).

A atividade física regular pode promover a melhora da força, massa muscular e flexibilidade articular, e também é uma forma de prevenir doenças neurológicas como o mal de Alzheimer e a esclerose

múltipla. A prática de exercícios físicos é uma forma de melhorar a autonomia do idoso, melhorando sua qualidade de vida, para que ele possa até mesmo realizar tarefas simples (VIANA & JUNIOR, 2017).

Desse modo, o presente estudo objetiva realizar um levantamento, através de uma revisão sistemática, utilizando produções científicas analisadas e selecionadas frente a alguns critérios de inclusão e exclusão, levando em conta sua relevância sobre o tema do estudo, influência das atividades físicas para a qualidade de vida idosa. Buscando responder à seguinte pergunta: “Qual a influência das atividades físicas para a população idosa?”.

METODOLOGIA

Segundo Cordeiro et al. (2007) a revisão sistemática é uma investigação científica projetada para coletar, avaliar criticamente e sintetizar os resultados de vários estudos importantes. Também visa responder a uma questão claramente formulada, usando um método sistemático e claro para identificar, selecionar e avaliar pesquisas relevantes, coletar e analisar os dados estudados na revisão.

É uma forma de pesquisa que utiliza fontes de dados de documentos sobre um assunto específico, fornecendo um resumo das evidências relacionadas a estratégias de intervenção específicas, métodos de uso e a pesquisa sistemática é muito útil para integrar informações de pesquisa sobre algumas intervenções que foram feitas para esclarecer os resultados obtidos. Ela nos permite ser incluídos em uma gama de resultados relevantes, em vez de limitar nossas conclusões à leitura existente apenas em alguns artigos (SAMPAIO & MANCINI, 2007). Para a aplicação da revisão sistemática é necessário a implementação de etapas para o desenvolvimento do estudo, são elas: definição da pergunta de pesquisa, identificação da base de dados, critérios para a seleção dos trabalhos, revisão e análise dos artigos e análise dos resultados, como mostra a fluxograma.

Fluxograma 1 – Fluxograma metodológico



Fonte: Autores (2021).

1. Definição da pergunta de pesquisa

Para atender ao tema do artigo de modo que busque apresentar resultados sobre uma pesquisa qualitativa acerca de um assunto de maior relevância para a comunidade e que estivesse dentro da estrutura metodológica, foi acordado que a pergunta deveria ser sobre: “Qual a influência das atividades físicas para a população idosa?”, implementando uma pesquisa na literatura para a sua resolução.

2. Identificação da base de dados

Para identificar os estudos utilizados na pesquisa que atendam aos requisitos básicos para a revisão, foi utilizado filtros e indicadores booleanos em plataformas como a SciELO, google acadêmico e capes periódicos, filtrando os artigos publicados no período de 2000 a 2021 e usando os indicadores “and” e “or” no idioma português, com as palavras chaves: Atividades Físicas, Idosos, Saúde, Qualidade de vida. Executando as seguintes pesquisas:

- Pesquisa 01: Idosos; Atividades Físicas.
- Pesquisa 02: Idosos; Qualidade de vida.
- Pesquisa 03: Idosos; Atividades Físicas; Saúde.
- Pesquisa 04: Atividades Físicas; Qualidade de vida; Saúde.

Essas pesquisas foram feitas em julho e agosto de 2021 e seus links arquivados no Google Documentos.

3. Critérios de seleção dos trabalhos

Nessa etapa metodológica foi feita a seleção dos artigos relevantes para a pesquisa, examinando-os por meio da leitura dos mesmos, utilizando critérios de exclusão para excluí-los e selecionando os demais que sobraram e não configuraram alguns dos critérios de exclusão elaborados pelos autores. Abaixo na Tabela 01, foi apresentado os fatores de eliminação dos trabalhos e suas devidas justificativas.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	MOTIVOS
Não responder a pergunta de pesquisa	Irrelevante para o estudo
Fugir do tema	Não atender às expectativas da pergunta
Perda de foco	Focar em outra área do assunto
Muito antigo	Não conter dados das últimas décadas

Após excluir artigos irrelevantes, com base nos critérios de exclusão, os selecionados são estudados novamente a fim de resumir informações importantes para pesquisa e responder a pergunta de pesquisa.

4. Revisão e análise dos artigos

- Artigo 01: “Atividade física e funcionalidade do idoso” publicado na Motriz: Revista de Educação Física por Maciel (2010), faz uma análise sobre as condições físicas, psicológicas e sociais da comunidade idosa e as contribuições das atividades físicas para uma boa qualidade de vida, relacionando-as e apresentando os benefícios de uma vida fisicamente ativa para os idosos, levando em conta que atividade física é uma forma de reduzir e/ou prevenir uma série de declínios funcionais associados com o envelhecimento obtendo como principais benefícios de um comportamento ativo do idoso as esferas biológica, psicológica e social. Ele também apresenta que a influência e a

probabilidade das pessoas possuírem uma vida fisicamente ativa vai depender de fatores sociais, como o local em que está inserido e suas condições socioeconômicas. Dessa forma, conclui-se que entre os benefícios das atividades físicas, cabe citar: aumento/manutenção da capacidade aeróbia; aumento/manutenção da massa muscular; redução da taxa de mortalidade total; prevenção de doenças coronarianas; melhora do perfil lipídico; modificação da composição corporal em função da redução da massa gorda e risco de sarcopenia; prevenção/controle da diabetes tipo II e hipertensão arterial; redução da ocorrência de acidente vascular cerebral; prevenção primária do câncer de mama e cólon; redução da ocorrência de demência; melhora da auto-estima e da autoconfiança; diminuição da ansiedade e do estresse e melhora do estado de humor e da qualidade de vida.

- Artigo 02: “Atividade física e estado de saúde mental de idosos” publicado na Revista de Saúde Pública por Benedetti *et al* (2008), objetivou fazer uma associação entre atividades físicas e o estado da saúde mental de idosos, para isso foi realizado uma pesquisa na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, em 2002 com a população idosa de alguns locais, através de entrevistas para o preenchimento de formulários, obtendo dados pessoais dos entrevistados referente a suas atividades diárias, sua organização familiar e a problemas mentais, tais como depressão e outras doenças. Dessa forma foi possível esquematizar e relacionar se ocorre uma maior quantidade de doenças mentais para pessoas consideradas sedentárias, assim foi possível concluir que sim, as pessoas com maior frequência e rotina fisicamente ativas possuem menor grau e quantidade de doenças relacionadas à mente.

- Artigo 03: “Qualidade de vida em idosos com distintos níveis de atividade física” publicado na Revista Brasileira de Medicina do Esporte por Toscano & Oliveira (2009), objetivou comparar a qualidade de vida em idosos com diferentes níveis de aptidão física, através de um estudo transversal com 238 idosos com média de idade de 69,2 ($\pm$ 6,6) às quais fazem parte de 23 grupos de convivência da cidade de Aracaju-SE. O nível de atividade física foi avaliado pelo IPAQ por meio do SF-36 e a análise estatística utilizou ferramentas da estatística descritiva e, para a comparação entre as variáveis, identificando neste estudo diferença significativa entre o nível de atividade física e a qualidade de vida relacionada com a saúde. Mulheres idosas mais ativas apresentaram melhores resultados nos oito domínios da qualidade de vida investigados.

- Artigo 04: “Uma proposta de política pública de atividade física para idosos” publicada na revista Texto & Contexto - Enfermagem por Benedetti; Gonçalves e Mota (2007), apresentou e discutiu programas de atividades físicas para idosos em vários países, envolvendo as prefeituras atuantes as

quais são responsáveis por criar essas políticas, obtendo resultados através de entrevistas, observações e materiais de divulgação, observando um crescente aumento na adesão dessas políticas públicas por ser bastante importante no envolvimento social e a necessidade de criar hábitos saudáveis de vida por meio da prática regular de atividades físicas oferecidas para toda a população. Trazendo assim benefícios como melhora da saúde, aumento do círculo de amigos e oportunidade de lazer.

- Artigo 05: “Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos” publicada na Revista Brasileira de Ciência e Movimento por Cheik *et al.* (2003), objetivou verificar a influência das atividades físicas no psicológico da comunidade idosa, utilizando-se de uma divisão dos idosos voluntários em três grupos, o grupo de indivíduos sedentários, sedentários que passaram a realizar atividades físicas e indivíduos que participam de atividade física não sistematizada, submetendo-os a questionários e teste ergométrico com eletrocardiograma para estimativa do VO₂ e exames laboratoriais, obtendo resultados que discutidos chegaram a conclusão que com a prática dos exercícios físicos orientado com parâmetros fisiológicos, pode contribuir na redução dos escores para depressão e ansiedade em indivíduos com mais de 60 anos.

- Artigo 06: “Qualidade de vida de idosos praticantes de atividade física no contexto da estratégia saúde da família” publicado na revista Texto & Contexto - Enfermagem por Campos *et al.* (2014), faz um estudo transversal, descritivo, correlacional com 107 idosos de duas unidades básicas de saúde de Minas Gerais, objetivando avaliar a relação interdependente entre a qualidade de vida de idosos e atividade física, através de pesquisa socioeconômica e testes, os associando e identificando seus devidos perfis, concluindo que qualidade de vida dos idosos é boa e influenciada pela prática de atividades físicas regulares, ausência de depressão, maior capacidade cognitiva e boa funcionalidade familiar.

RESULTADOS

5. Análise dos resultados

De acordo com as análises dos artigos, observa-se quais são os mais viáveis e destacam suas contribuições para a resolução da pergunta de pesquisa: “Qual a influência das atividades físicas para a população idosa?”. Obtendo os seguintes resultados.

O artigo 01, apresentou como benefícios de uma vida ativa fisicamente para idosos, aumento/manutenção da capacidade aeróbia; aumento/manutenção da massa muscular; redução da

taxa de mortalidade total; prevenção de doenças coronarianas; melhora do perfil lipídico; modificação da composição corporal em função da redução da massa gorda e risco de sarcopenia; prevenção/controle da diabetes tipo II e hipertensão arterial; redução da ocorrência de acidente vascular cerebral; prevenção primária do câncer de mama e cólon; redução da ocorrência de demência; melhora da auto-estima e da autoconfiança; diminuição da ansiedade e do estresse e melhora do estado de humor e da qualidade de vida.

Nos artigos 02 e 05, foi observado que pessoas com idade superior a 60 anos e que praticam exercícios físicos regularmente possuem menores probabilidades de contrair doenças mentais.

E os estudos 03, 04 e 06 deduziram que o público alvo do devido trabalho frente a uma vida não sedentária possui uma melhor qualidade de vida, social e saudável.

CONCLUSÃO

Através da revisão sistemática foi possível visualizar e analisar diferentes maneiras de se obter resultados com a prática dos exercícios físicos regularmente em especial com a população idosa, que apresenta limitações e dificuldades funcionais em decorrência de algumas modificações morfofisiológicas que ocorrem no indivíduo durante o processo de envelhecimento, limitando a sua autonomia (MACIEL, 2010).

Entre alguns benefícios podemos citar uma boa qualidade de vida, saúde mental e física em boas condições e uma menor chance de adquirir várias doenças relacionadas à idade avançada. Dessa forma, é notório a importância de uma vida fisicamente ativa em destaque na população idosa mas também nas demais para se obter uma vida saudável e um bom envelhecimento.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, M. R.; FILENI, C. H. P.; ALMEIDA, E. O.; OLIVEIRA, R. C.; CAMARGO, L. B.; LIMA, B. N.; MARTINS, G. C.; VILELA JUNIOR, G. B. Fatores motivacionais em uma academia de musculação em São José do Rio Pardo/SP. *Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício*, v. 18, n. 2, p. 101-107, 2019. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/revistafisiologia/article/view/2928>. Acesso em: 27 abri. 2021. BENEDETTI, T. R. B. et al. Atividade física e estado de saúde mental de idosos. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, p. 302-307, 2008. Disponível em:

https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsp/v42n2/6482.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

BENEDETTI, T. R. B.; GONÇALVES, L. H. T.; MOTA, J. A. P. da S. Uma proposta de política pública de atividade física para idosos. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 16, p. 387-398, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/989Rw3GCz69Z8FhJ8zpKYrG/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2021.

CAMPOS, Ana Cristina Viana et al. Qualidade de vida de idosos praticantes de atividade física no contexto da estratégia saúde da família1. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 23, p. 889-897, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/mjrjmZfwgtPkSTGLdwRLvMz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2021.

CHEIK, N. C. et al. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2003. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/08/atividade-fisica-depressao-e-ansiedade-em-idosos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

CIPRIANI, N. C. S. et al. Aptidão funcional de idosas praticantes de atividades físicas. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, v. 12, p. 106-111, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/8TLHWYw66pwgFFPPSVBYXvv/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 27 abri. 2021. CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, v. 34, p. 428-431, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FRANCHI, K. M. B.; MONTENEGRO, R. M. Atividade física: uma necessidade para a boa saúde na terceira idade. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 18, n. 3, p. 152-156, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40818308.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2021.

JESUS, L. L. de et al. Atividade física e seus benefícios à saúde. Repositório institucional Faema, Ariquemes - RO, 2014. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/handle/123456789/2644>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MACIEL, M. G. Atividade física e funcionalidade do idoso. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 16, n. 4, p. 1024-1032, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/motriz/a/fFxf4W5HZ6bWvxpsHvwrkHj/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

PEIXOTO, D. H. C.; CRUZ, R. W. de S. Motivos estimulantes à prática de musculação em uma academia de João Pessoa-Paraíba. *Diálogos em Saúde*, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/198>. Acesso em: 21 abr. 2021. SABA, F. Gestão em atendimento: manual prático para academias e centros esportivos. Editora Manole, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JXwSCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP8&dq=Manual+pr%C3%A1tico+para+academias+e+centros+esportivos&ots=j7IJ6CTbhc&sig=fqBa0O_kh7pF9Iysm0IYBayku8w&redir_esc=y#v=onepage&q=Manual%20pr%C3%A1tico%20para%20academias%20e%20centros%20esportivos&f=false. Acesso em: 21 abr. 2021.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 23 jul. 2021.

TOSCANO, J. J. de O.; OLIVEIRA, A. C. C. de. Qualidade de vida em idosos com distintos níveis de atividade física. *Revista brasileira de medicina do esporte*, v. 15, p. 169-173, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/KMfqJVrmwjtcVf47ycnCRnR/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

VIANA, A.; JUNIOR, G. A. Qualidade de vida em idosos praticantes de atividades físicas. *Revista Psicologia e Saúde em debate*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 87–98, 2017. Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/92>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Capítulo 4



10.37423/220105277

EDUCAÇÃO INTEGRAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES COM AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

Juliane Suelen Gonçalves Rabelo Galvão

Universidade de Brasília

Alfredo Feres Neto

Universidade de Brasília



Resumo: *A constituição da Educação Física foi ressignificada ao longo do tempo a partir de seus objetivos e do projeto de sociedade. A pesquisa bibliográfica procurou analisar os referenciais teóricos das abordagens pedagógicas relacionando com a Educação Integral. O objeto de estudo da Educação Física pode ser relacionado ao movimento corporal humano em seus contextos sócio histórico cultural, e podem contribuir na formação de sujeitos críticos e autônomos que possam transformar a sociedade.*

Palavras-chave: Educação Física; Educação Integral; Abordagens pedagógicas pós críticas.

INTRODUÇÃO

Atualmente os documentos normativos do Brasil apresentam debates sobre a temática da formação integral. As políticas e orientações geralmente restringem-se ou enfatizam questões da ampliação da jornada escolar. Neste estudo o termo Educação Integral será relacionado a formação humana em busca do desenvolvimento humano. Refletir sobre espaços pedagógicos que colaborem com a busca da formação de todas as potencialidades do ser humano deve ser explorado. O presente estudo objetiva refletir sobre as perspectivas de formação integral nas abordagens pedagógicas da Educação Física. Dentre as produções da área pode-se observar uma tendência a fragmentação dos aspectos físico, cognitivo e social, muitas vezes priorizando uma dessas dimensões.

O texto é uma pesquisa bibliográfica a partir dos principais autores que contextualizam os temas: educação integral e abordagens da Educação Física. Foi constituída em dois subtópicos, onde no primeiro traz a discussão teórica sobre educação integral, formação integral e suas múltiplas dimensões. A segunda busca identificar e refletir sobre os aspectos da formação integral presentes nas abordagens da Educação Física, destacando seu objeto de estudo; quais dimensões do ser humano são desenvolvidas; e sua finalidade.

EDUCAÇÃO INTEGRAL X FORMAÇÃO INTEGRAL

Os diferentes conceitos e sentidos sobre educação integral podem ser identificados nos documentos oficiais da educação brasileira. A partir da LDB de 1996, a educação integral é apontada mais explicitamente, enquanto ampliação da jornada escolar para o Ensino Fundamental. Expandindo a significação para a integralidade na formação do sujeito, utiliza o termo pleno desenvolvimento do educando em seus princípios e fins para a educação. Neste aspecto o conceito de educação integral tem consonância ao apresentado por Ferreira, *et al.* (2015): a finalidade da educação deve ir além de atuação profissional, deve pautar a busca da formação integralmente para desenvolver todos os aspectos do estudante.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2010, na Meta 6 dispõe que em 2010 no mínimo 50% das escolas públicas, deve ofertar educação em tempo integral como a jornada escolar de no mínimo 7 horas, com a oferta de possibilidades de desenvolvimento de atividades pedagógicas, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, entre outras.

Com a alteração da LDB, no Art. 35, a formação integral é apontada como desenvolvimento dos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais, para que o estudante esteja capaz de construir seu

projeto de vida. Para atender as demandas e potencializar os diferentes aspectos de formação é realmente necessária a ampliação do horário escolar. Camargo, apud Moll (2012) define a educação integral no sentido restrito, a partir da organização do tempo escolar e ampliado quando abrange a formação humana nos campos cognitivo, estético, ético, lúdico, físico-motor, espiritual, entre outros. Mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma o compromisso com a educação integral em seu texto;

“Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (BNCC, 2017, p. 14,)”.

Discutir as possibilidades de educação integral e formação integral pode levar a muitas concepções, à exemplo do conceito de educação integral apresentado por D’Ambrosio (2012), relaciona a construção de conhecimentos a um sistema de valores amparados por uma ética primordial, em que a partir da educação é possível viver em harmonia e conferir dignidade às relações sociais.

Enquanto Röhr (2006) amplia o debate para a formação integral e apresenta um esquema com cinco dimensões básicas do ser humano:

A dimensão física, que inclui a corporalidade físico-biológica; A dimensão sensorial, representando as nossas sensações físicas, através dos cinco sentidos; A dimensão emocional, abrangendo a vida da nossa psique, os estados emocionais; A dimensão mental que inclui, o racional e lógico e também a capacidade de reflexão; A dimensão espiritual, não se confunde essa dimensão com a religiosa, que em parte pode incluir a espiritual. (RÖHR *apud* RÖHR, 2011, p. 15).

Em concordância, Camargo (2017) refere-se a uma educação da espiritualidade para além de uma doutrina religiosa, mas ao componente espiritual que “... é construir valores humanos para uma ética de justiça, solidariedade e respeito pelas diferenças, desenvolver as potencialidades mentais, criativas e a consciência de ser, pertencer e transcender (p.109)”.

Entendendo que o desenvolvimento exclusivo da ética e de valores não soluciona as problemáticas sociais, culturais, e as consequências da desigual, mas o caminho em busca de ações que cultivem a formação mais humana, integral, e em harmonia, pode contribuir na superação dos problemas a partir da capacidade de julgar e agir criticamente em sociedade. Segundo Delors (2010), a educação tem o papel de suscitar nos seres humanos, o respeito ao pluralismo, as tradições e concepções de cada um, a elevação do pensamento e do espírito em busca de um mundo melhor.

ASPECTOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL PRESENTES NAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física veio ao longo do tempo transformando suas características e finalidades educacionais. Desde a década de 1930 presente no âmbito escolar, apresentava enquanto fim o desenvolvimento de corpos fortes, saudáveis e disciplinados. Progressivamente com as mudanças do contexto social e político, surgiram as abordagens e concepções pedagógicas² de caráter crítico e pedagógico, segundo (CASTELLANI, 1998).

Segundo Neira (2015) os objetivos e sentidos da Educação Física foram e se modificam de acordo com o contexto sócio-histórico e político, aos interesses de cada época. Dentre as produções teóricas, consideradas clássicas³, realizadas na década de 1980 e 90, estão as Abordagens: Cultural, Sociológica e a Fenomenológica. Percebe-se a necessidade de refletir sobre as finalidades da Educação Física escolar que essas abordagens trazem sobre os aspectos da formação humana e qual a perspectiva para essa formação. Segundo Neira (2015) atualmente as preocupações com o ensino da Educação Física estão mais sensíveis às marcas da sociedade pós-moderna e vêm surgindo propostas curriculares fundamentadas nas teorias pós-críticas do currículo, embasadas nos estudos culturais e o multiculturalismo crítico. A partir desse contexto serão analisadas as Abordagem Cultural, Sociológica e Fenomenológica.

A Abordagem Cultural é fundamentada a partir do conceito de cultura, promovida a por Daolio que se ancora na antropologia social, em que as práticas corporais⁴ são produções culturais. Considera que as manifestações corporais são geradas na dinâmica cultural. Neste sentido o objeto de conhecimento da Educação Física escolar são as manifestações corporais relacionadas ao corpo e ao movimento humano no contexto em que são produzidas. Representada enquanto construção histórica do movimento humano em: ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. A contribuição para a formação do estudante se dá a partir da construção dos significados advindos da cultura, onde o estudante traz um repertório de conhecimento diverso em que se constituem suas singularidades. “Enfim, pode-se pensar a Educação Física Escolar considerando a dimensão cultural simbólica, a partir de aspectos estéticos, expressivos, subjetivos, artísticos, humanos (DAOLIO, 2005, p. 217)”.

Na discussão dessa abordagem percebe-se que existem aspectos da educação integral, pois na sua discussão são considerados elementos fundantes na atuação da Educação Física escolar, como: a cultura, o contexto, as diferenças a humanidade...

“... a prática da Educação Física na escola, pois considera a humanidade plural e procura entender os homens a partir de suas diferenças, de tal modo que os hábitos e as práticas de determinados grupos não sejam vistos como certos ou errados, melhores ou piores. Assim, a diferença não deve ser pensada como inferioridade, pois ‘o que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferentemente’ (Darido, 2003, p. 17).

Nesse sentido podemos identificar uma aproximação da abordagem cultural com a BNCC quando se trata da educação integral, quando afirma (...):

... significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BNCC, 2017, p. 14).

É fundamental identificar uma educação plural, em todos os aspectos de desenvolvimento humano, respeitando as características de cada etapa de dos estudantes. Segundo Delors (2010), a educação tem o papel de suscitar nos seres humanos, respeitando o pluralismo, as tradições e concepções de cada um, a elevação do pensamento e do espírito em busca de um mundo melhor.

A *Abordagem Sociológica* tem influências das áreas da sociologia, da filosofia e da psicologia. Betti, enquanto principal autor, entende a Educação Física a partir da concepção sistêmica, em que define como: um sistema hierárquico aberto porque sofre influências da sociedade e ao mesmo tempo a influencia. Baseia-se na ideia de mediação simbólica inerente às ações humanas, procurando compreender o processo de internalização de valores e motivos realizado pelo homem, segundo Daolio (2004).

A Educação Física enquanto componente curricular tem a finalidade de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

A proposta é sistematizada em quatro princípios metodológicos em que as práticas corporais são abordadas, a saber: o princípio da inclusão; o princípio da diversidade; o princípio da complexidade do conhecimento; e o princípio da adequação ao aluno. A Educação Física tem o papel de formar o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar a cultura corporal de movimento, posicionando-se criticamente, segundo Betti; Zuliani (2002).

Esses princípios podem ser atrelado aos conhecimentos, valores e habilidades necessárias à formação integral dos estudantes. Em acordo com o relatório da Unesco:

...conteúdos educativos fundamentais (conhecimento, aptidões, valores, atitudes), indispensáveis ao ser humano para sobreviver, desenvolver suas capacidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, aprimorar sua qualidade de vida, tomar decisões ponderadas e continuar a aprender (DELORS, 2010, p. 15).

Nesta Abordagem a Educação Física deve apresentar os motivos e sentidos das práticas corporais aos estudantes, a fim de favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas, que leve à aprendizagem de comportamentos adequados à sua prática; acrescido aos conhecimento, compreensão e análise dos dados científicos e filosóficos relacionados à cultura corporal de movimento, para atuar a partir das aprendizagens, sua vontade e emoção nas práticas de movimento. Segundo (BETTI, 2002, p. 73), “formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito –, como desenvolvimento pleno da personalidade. A educação física vem somar-se à educação intelectual e à educação moral”.

A *Abordagem Fenomenológica* surge com o propósito de repensar o lugar do corpo para além do físico e material, como um caminho de unidade do homem para além da soma das partes. Como afirma (SANTIN *apud* ALMEIDA; BRACHT ; GHIDETTI, 2013, p. 3):

... o homem é o corpo, e a corporeidade é a humanidade ou o especificamente humano do homem. [...] Ele é o defensor da unidade plena do homem, não a unidade que se faz pela soma das partes, mas a unidade que, de forma alguma pode ser separada por partes. [...] A unidade humana se daria como corporeidade. Afirma Merleau-Ponty: “realmente, eu não tenho corpo, mas sou corpo”.

O ser no mundo não está separado das partes, onde o corpo é condição para o homem se fazer presente no mundo.

Assim, a corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânica-biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, idéia, consciência) e a sócio-histórico cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade. (JOÃO e BRITO, 2004, p. 266).

Entende-se, desta forma que a compreensão de formação do humano perpassa pelas dimensões organizadas na proposta de RÖHR, em que o homem não pode ser fragmentado, mas perceber suas dimensões para intervir na formação em unidade. Essa teoria aponta as ações do corpo/ homem atrelado a presença no mundo com um fim em suas ações. A motricidade emerge da corporeidade em que toda conduta motora inaugura um sentido através do corpo. Segundo Sérgio Manuel (2003), o corpo é o princípio estruturante do ser-no-mundo, condição de sua existência, onde a Motricidade

Humana é fundamentada na transcendência, na busca da resolução de problemas e na unidade do ser humano, rejeitando o dualismo cartesiano, da ruptura entre corpo e alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos fundamentos teóricos e os fins da educação presentes nas abordagens pedagógica possibilitou ampliar o debate sobre a formação integral. Neste estudo buscou-se refletir criticamente a perspectiva da educação integral nas abordagens da Educação Física fundadas nas teorias da antropologia cultural, sociológica e fenomenológica. Observou-se que a finalidade da Educação Física se aproximam nessas teorias, uma vez que estas condenam a dicotomia corpo x mente e abarcam a totalidade do ser humano e contexto em que vive.

Quanto aos objetos de estudo tratado nas três abordagens aparecem terminologias diferentes; na Cultural enquanto manifestações corporais relacionadas ao corpo e ao movimento, na Sistêmica como cultura corporal de movimento, e na Fenomenologia expressa pela corporeidade. Contudo pode-se vislumbrar que o conhecimento em si da Educação Física pode ser relacionado ao movimento corporal humano em seus contextos sócio histórico cultural. Apontamos assim que os saberes da Educação Física escolar, a partir dessas abordagens, podem potencializar a formação integral dos sujeitos. Em que a prática corporal seja caminho e fim no desenvolvimento das dimensões indissociáveis do ser humano, respeitando sua totalidade, singularidade e diversidade. Tais aspectos devem ser aspirados em busca da formação de sujeitos críticos, autônomos e emancipados, que ao construir e transformar os sentidos e significados da sua atuação no mundo, possa transformar a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Q.; BRACHT, Valter; GHIDETTI, Filipe F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. *Educación Física y Ciencia*, vol. 15, nº 2, 2013. Disponível em:

<<https://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFv15n02a02/5063>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte*. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

BETTI, Mauro; Zuliali, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta De Diretrizes Pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, a. 1, n.1, p.73-81, 2002.

CAMARGO, Thiago. Educação integral e espiritualidade: os benefícios dessa relação para uma formação integral do ser humano, Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Confresa. *Revista Prática Docente*. v. 2, n. 1, p. 97-111, jan/jun 2017.

D'AMBROSIO, U. Formação de valores. Um enfoque transdisciplinar. In: MOLL, J. et al. *Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 106-117.

DAOLIO, JOCIMAR. Educação Física e o Conceito de Cultura. Campinas: Autores associados, 2004.

DAOLIO, JOCIMAR. A Educação Física Escolar Como Prática Cultural: Tensões E Riscos. *Pensar a Prática* 8/2: 215-226, Jul./Dez. 2005. Disponível em:

< <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/32374/17268>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DELORS, J., Al Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R. et al. 2010. *Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília, 2010.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney C. R.; SILVA, SILAS C. R. *A psicologia transpessoal: Histórias, conquistas e desafios*. Editora UFPE, Recife, 2015.

FREIRE, João Batista (1989). *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo, Scipione.

JOÃO, Renato, Bastos, J.; BRITO, Marcelo de; *Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 3, p. 263-272, 1 set. 2004. Disponível em:

< <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16567/18280>> Acesso em: 20 nov. 2018.

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Formação Humana. *P o i é s i s* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, número ESPECIAL: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 53 - 68, 2011.

SILVA, Karen C. J. R.; FLACH, Simone F. Educação Integral: Em Defesa De Uma Concepção Emancipatória. Editora Educativa, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 717-737, set./dez. 2017.

SÉRGIO, Manuel. Um Corte Epistemológico: da educação física à motricidade humana. 2ª ed. Instituto Piaget, Lisboa, 2003.

NOTAS

Notas 1

Este trabalho foi publicado originalmente na Revista Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 5, p, 30248-30256, maio de 2020.

Nota 2

Neste período as Abordagens pedagógicas, não apresentam aspectos metodológicos, são elas: Cultural, Sociológica e Fenomenológica; Concepções, apresenta sistematização do conhecimento e metodologia: Aulas abertas, Aptidão física, Concepção desenvolvimentista, Concepção construtivista, Educação física plural, Crítico- emancipatória, Crítico superadora.

Nota 3

Consideradas clássicas por Jocimar Daolio.

Nota 4

Daolio em sua produção inicial utiliza o termo técnica corporal, aqui optamos pela atualização do termo utilizado pelo mesmo autor em novas produções.

Capítulo 5



10.37423/220205303

PRÁTICAS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E O ENSINO DE DANÇA: CONHECIMENTO, SABERES E PODERES EM MOVIMENTO

Renato Ribeiro Rodrigues

*Secretaria de Estado da Educação de Goiás/
Secretaria Municipal de Educação de
Aparecida de Goiânia*



Resumo: O presente trabalho propõe uma discussão sobre as práticas culturais, a educação e o ensino de dança. Especificamente, ao tratar da articulação entre a produção do conhecimento, o diálogo de saberes e a relação de poderes presentes no ensino e aprendizagem das linguagens artísticas, busca contribuir para a reflexão de seus limites e possibilidades coexistentes na dinâmica do espaço-tempo escolar. No intuito de potencializar práticas educativas e/ou processos de escolarização que propiciem o desenvolvimento significativo de seus conteúdos e formas, trata-se de um exercício dissertativo que procura suscitar questões que perpassam pela complexidade dinâmica do sistema de relações que se apresentam nesta prática cultural que, ao ser considerada ainda em distintos campos da educação, cotidianamente se materializa pelo movimento de seus agentes, comunidades e/ou grupos sociais sob as mais diversas tensões, contradições, (de)equilíbrios, consensos e conflitos socio-históricos no campo da cultura.

Palavras-chave: Práticas Culturais. Dança. Educação.

INTRODUÇÃO

A noção daquilo que possa vir a ser referenciado como cultura ajuda-nos a refletir sobre a ideia de diversidade na unidade da humanidade, considerando todo o conjunto de fenômenos e/ou manifestações inerentes ao termo. Como forma humana imaginada que busca solucionar originalmente problemas que respondam à questões mediadas por uma ordem simbólica de sentidos e/ou significados próprios e, na passagem de uma redefinição normativa para algo concretamente prescritivo e aplicado aquilo que seja essencialmente humano, a cultura se refere a inúmeras práticas e/ou processos extremamente complexos oriundos de uma totalidade que, partindo de singularidades, materializa-se na vida comum coletiva, orgânica e de natureza histórico-social.

Conviver consigo, com outros sujeitos e com o mundo em condições de sociabilidade é parte de uma necessidade própria da natureza humana. Seus modos de estruturação, organização e funcionamento dependem da (re)elaboração, do (re)estabelecimento e da (re)significação de regras entendidas como particularidades de culturas na universalidade da própria cultura. Nesse sentido, buscar compreender essa complexidade a partir de um exame metódico e/ou metodológico daquilo que lhe seja peculiarmente unitário, lógico e específico no campo das práticas culturais, evoca-se para certa necessidade, atitude e olhar relativista não-etnocêntrico, quando se considera que:

Não existem, conseqüentemente, de um lado as culturas “puras” e de outro, as culturas “mestiças”. Todas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são em diferentes graus, culturas “mistas” feitas de continuidades e descontinuidades. Há geralmente mais continuidade entre duas culturas que estão em contato prolongado do que entre os diferentes estados de um mesmo sistema cultural tomado em momentos distintos de sua evolução histórica (CUCHE, 1999, p.140-141).

A cultura se apresenta como história, memória e identidade (inter)mediada por inúmeras relações que seus agentes, comunidades e/ou grupos sociais constroem entre si. Simultaneamente também se constitui enquanto ação e ideia, numa condição socio-histórica materializada na (re)produtibilidade de tensões, contradições, (des)equilíbrios, consensos e conflitos que se apresentam na articulação entre a produção do conhecimento, no diálogo de saberes e pela relação de poderes presentes num antagonismo em jogo, que continuamente se (re)configura através de (con)vivências, experiências e por uma série de (com)partilhamentos.

As práticas culturais constituem seus conteúdos e se apresentam como formas humanas distintas subjetivas de percepção e afeto na representatividade objetiva do mundo. Enquanto manifestações ligadas ao campo da existência, do pertencimento e numa dinâmica de espaço-tempo determinada,

as práticas culturais passam a serem definidas a partir de um lugar histórico-social em que se realizam como fenômeno em sua condição formal ou popular.

Na contemporaneidade da sociedade do capital, essa tipificação da cultura estaria contida no âmbito de processos e produtos simbólicos que se manifestam por mecanismos sociais ligados à estratificação daquilo que seria pertencente e diferenciado entre culturas, uma considerada “dominante” e outra “dominada”. Assim, a demarcação de uma possível diferença entre ambas, estaria relacionado a todo sistema de (com)partilhamento considerando as mesmas condições histórico-sociais (re)produzidas para os sucessores das aquisições de seus antecessores.

Na condição de hábito, a diferença entre as práticas culturais relacionar-se-iam à incorporação simbólica em que os agentes, comunidades e/ou grupos sociais inculcariam através das diversas relações estabelecidas através do ensino e de aprendizagens que se hospedam e cristalizam na memória coletiva. Com sentidos e/ou significados próprios e perpassando ainda por certa orientação dinâmica do espaço-tempo todas as práticas culturais se constituiriam, estariam diretamente relacionadas e de acordo com uma vinculação histórico-social de classe (BOURDIEU e DARBEL, 2003).

Na concretude e materialidade de classes distintas que acabam coexistindo e se colocando diametralmente por lados e interesses opostos, o grupo minoritário se perpetua em sua condição dominante detendo o controle dos processos e produtos culturais – entendidos como bens de produção, mantendo-se no privilégio de seu completo usufruto e também de suas finalidades sociais. Aos demais, caberia apenas o cumprimento de um papel que (re)direciona suas ações para o simples manejo destes mesmos bens culturais numa condição servil restringida na forma ilusória a um estado de pertencimento fictício, quando no máximo absorveriam uma condição precarizada de consumo.

Portanto, no desvelamento dessas relações de poderes sócio-histórico-culturais, observa-se que o lado minoritário (e conscientemente dominante) têm se reservado ao lugar ideal e subjetivo das finalidades da criação cultural, enquanto todo o imenso restante (que se encontra dominado) se vê condicionado a operar os produtos materiais da cultura e resguardado seu acesso apenas a um lugar meramente instrumental e objetivo da produção.

Consequentemente, a divisão que se estabelece entre os trabalhos – manual e intelectual, transforma-se numa diferenciação cultural entre aquilo que seria considerado de cunho formal (sistematizado, culto e erudito) e popular (para as massas). Num crescente, isso (re)criar-se-ia também a ideia de coexistência de classes culturais distintas que, por dissociação, contribuiria também para o

aprofundamento de um processo alienador e de entificação cultural, uma vez que os mesmos produtos culturais se tornariam externos e superiores à própria condição humana.

PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

O conflito social central na sociedade moderna ocorre na área da cultura, onde a educação passa a ser evocada enquanto condição essencial na proclamação da existência dos sujeitos. Primeiro, amplia-se seu próprio conceito para além do espaço formal e institucional de instrução e ensino e, segundo, em atendimento às demandas resultantes das transformações econômicas, políticas e culturais que na contemporaneidade têm exigido a (con)formação de um indivíduo necessário ao modo de (re)produção social globalizado e das novas formas de existência humana (GOHN, 2001).

Neste diálogo, é importante (re)considerarmos aquilo que já nos apresentara Chauí (1986), sobre o autoritarismo na estrutura social: no entendimento da cidadania como privilégio de classe numa relação histórica de lutas e concessões entre dominante e dominados, por assimetrias e/ou diferenças sociais transmutadas em desigualdades de relações hierárquicas que trazem a violência simbólica como condição sociocultural do existir, na materialização de direitos e deveres outorgados legalmente e por representação política como concessão, entre o público e o privado que subordinam-se à toda uma lógica burocrática e mercantil de produção reverberada na vida social, pela demarcação na dinâmica do espaço-tempo entre o centro e a periferia compostos por lugares sitiados e nichos de pertencimento que reconfiguram o espaço de convivência e sociabilidade no campo da cultura.

No campo das práticas culturais populares, observa-se que há uma maior possibilidade de liberdade e de resistência a essa condição social autoritária de dominação uma vez que,

[...] cria um espaço próprio no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências, as vivências, permitem reconhecer as pessoas, estabelecer laços de convivência e de solidariedade, recriar uma identidade que não depende daquela produzida pela sociedade mais ampla (CHAUÍ, 1986, p.70).

Considerar todas essas implicações no contexto das práticas culturais, coloca-nos diante da necessidade de se fazer integrar e coexistir os campos da educação formal, não-formal e informal tornando-se assertivo uma reestruturação dimensional do próprio conceito de educação. No intuito de se tentar realizar uma reorganização crítica de saberes pertencentes à cultura formal e a cultura popular que, de forma dialógica, contribuiriam para o desvelamento da (re)produtibilidade cultural em que conhecimentos, interesses e/ou valores dominantes legitimam hierarquizações, standardizações, desigualdades, exclusões e induções classistas (AFONSO, 2001).

Na articulação dos modos de (re)produção da existência humana, onde o progresso e o desenvolvimento científico e/ou tecnológico impulsionam consequentemente a complexificação e o aprimoramento social, as práticas culturais formais por serem notadamente pertencentes à cultura dominante, acabam elevadas a um status de prestígio social e de materialização de poder. A necessidade de se sistematizar e transmitir através de uma condição específica de ensino e instrução escolar que se torna objetificação de sua preservação enquanto bens culturais de aprendizagens, tem nesse conjunto de forças sua (re)orientação para a inculcação de um determinado projeto societário. Por isso é necessário rever essa realidade, uma vez que cabe à cultura e a manifestação de suas práticas a possibilidade de existência, de presença e de pertença social da vida humana sobre o mundo.

A cultura é simultaneamente operação inteligente exercida sobre o mundo material e ideação operatória na esfera do pensamento. São dois aspectos distintos da realidade do mesmo agente, o homem, sua integridade de sua natureza. Por isso, o homem torna-se o vínculo unificador dessas faces opostas. A unificação entre os dois lados da cultura, ele a cumpre pelo fato de existir (VIEIRA PINTO, 1979, p.135).

Assim, considerar a cultura como um espaço de resistência e luta social torna-se importante. Agregar ao ensino formal escolar conteúdos pertencentes à educação não-escolar referentes a motivações subjetivas de origem, condição e/ou situação socio-histórica dos estudantes é fundamental porque ao serem valorizadas outras aprendizagens extraescolares viabilizaria a presença de outros valores culturais presentes nas ações dos sujeitos.

Isso significa que a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação de fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. A educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada com uma das formas da educação. A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para a outra. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação (GOHN, 2001, p.98).

Convém salientar que os campos pertencentes à educação não-escolar sempre coexistiram com o campo da educação formal escolar institucionalizada possibilitando diálogos, sinergias, experiências e intersecções pedagógicas diversas e complementares ao compreenderem que a prática social em suas dimensões educativas, tornam-se também um princípio educativo pela ação de seus agentes, comunidades e/ou grupos sociais sobre a realidade. Porém, observa-se que o campo não-escolar é demarcado por diferentes

racionalidades políticas e pedagógicas e decorre a necessidade de uma revisitação epistemológica dos saberes presentes e pertencentes às práticas culturais que ali se estabelecem, no diálogo com a produção do conhecimento se o lugar de referência é uma educação crítica e emancipatória.

Observar o campo da educação não-escolar contribui ainda no sentido de promoção de uma aprendizagem política sobre os direitos e deveres dos sujeitos em sua condição cidadã, pelo processo de conscientização na compreensão de que existem interesses no meio social em que exercem sua participação. Em relação à aprendizagem e capacitação de competências e/ou habilidades no exercício do desenvolvimento das próprias habilidades humanas na organização comunitária ativa e orgânica, buscando soluções às questões emergentes da ordem cotidiana pela aprendizagem de conteúdos numa dinâmica exigente de espaço-tempo diferenciada e recriada. E ainda na relação com o mundo circundante onde tradição, modernidade e desenvolvimento científico e tecnológico coexistem numa dimensão integral articulada a integralidade da vida.

Os procedimentos metodológicos utilizados nos processos de educação não-formal estão pouco codificados na palavra escrita e bastante organizados ao redor da fala. A voz ou vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregados de emoções, pensamentos desejos, etc. São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carência socioeconômica, direito individual ou coletivo usurpado ou negado, projeto de mudança, demanda não atendida). Ao se expressarem, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presentes, no esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em vivem. Os códigos culturais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um (GOHN, 2001, p.106).

Na educação não-escolar, entender certa articulação entre a produção do conhecimento, o diálogo de saberes e a manifestação de poderes poderiam nos ajudar a compreender e desenvolver práticas educativas e processos de escolarização significativas na educação escolar considerando especificidades, limites e possibilidades de cada lugar. Para tal, tomaremos dois exemplos: primeiro, observado em Tramonte (1996), nas escolas de samba pela representação da originalidade e criação artística do mundo do samba no carnaval¹.

Consideramos o lugar que processa e organiza relações sociais, econômicas e políticas ao se buscar compreender processos pedagógicos que perpassam pela organização das escolas de samba em Florianópolis e dele, observamos ainda que as classes populares se educam entre si na relação com os outros a partir da significação vivenciada em redes em que há um sentimento internalizado na fabricação de um ideário que se mantém na memória e história pela coesão interna de seus participantes. E nesses espaços, as classes populares educam-se, tornam-se conscientes, vivenciam conflitos e contradições e materializam suas práticas culturais.

O ato de se viver em coletivo e consciente de que há uma gama de relações que implicam a convivência com a diferença, num processo de construção plural e diversa e ainda que em seu desenvolvimento concebe a elaboração do conhecimento e de saberes pela prática social, numa estrutura organizativa que tem como essência a identidade comunitária (ou mesmo familiar) constitui parte das pedagogias que constituem a prática cultural do mundo do samba.

Assim, a conjugação de interesses entre antagonismos existentes (tradição e modernidade, comunidade e pessoal externo, amadorismo e profissionalidade, negros e brancos, pobres e ricos, dentre outros) busca no exercício de certa convivência democrática, aliar as exigências do carnaval-espetáculo e da base comunitária que sustenta e mantém a razão de ser das escolas de samba, mesmo considerando que:

O mito da sociedade igualitária construído no carnaval e nas escolas de samba não encobre e nem mascara a realidade da sociedade de classes; pelo contrário, a escola de samba e o carnaval proclamam o igualitarismo e lamentam o curto espaço em que esse igualitarismo se realiza (TRAMONTE, 1996, p.226).

Outro fenômeno interessante a ser observado ainda neste exemplo é de que o trabalho que se apresenta entre consensos e conflitos na escola de samba, mantém um caráter educativo por assimilação e conciliação cultural no trato com a pluralidade e a diversidade exigindo que os sujeitos desenvolvam numa relação dialética de solidariedade e competição relacional para o desenvolvimento da autonomia (mesmo que muitas vezes imediata e momentânea) em suas ações, na tentativa de se resolver as problemáticas que cotidianamente vão se apresentando na dinâmica interna e externa de relações.

Nesse lugar, existe ainda um código de ética e moral que condiciona comportamentos e se manifesta no convívio social de seus sujeitos, tem ação educativa sobre sua forma de conhecimento sobre o mundo, seu universo cultural considerando a totalidade dos processos pedagógicos que ali se apresentam e uma ação direta sobre as dimensões intelectual, física, cultural, afetiva, social, ética, moral e simbólica.

Num segundo exemplo, tomado a partir do estudo de Corte Real (2006), ao investigar musicalidades na capoeira² observamos dimensões educativas numa perspectiva intercultural que se apresentam no trabalho de educadores do contexto não-escolar. Percebemos que saberes musicais são mobilizados num sentido de se potencializarem práticas educativas e certo compartilhamento estético coletivo.

De modo relacional, a arte presente no jogo da capoeira considera a necessidade de comunicação consciente entre o sujeito, o saber que este desenvolve e o próprio conhecimento de mundo que em sua realidade passam a serem evocadas por uma narrativa história que, por vezes, também se apresenta nos momentos em que a musicalidade se materializa na roda.

Embora, neste contexto, não seja exigido ao educador de capoeira um grande domínio acadêmico musical, percebe-se que há aprendizagens musicais que possivelmente possam vir a dialogar com a produção do conhecimento presente no ensino escolar. Observa-se que são os contextos e as situações coletivas vivenciadas pelos sujeitos que favorecem aprendizagens, no cotidiano das situações que se apresentam na dinâmica da realidade onde relações de saberes e de poderes se manifestam.

Ao articulá-los com a esfera da produção do conhecimento observamos a presença de pedagogias que, embora não se apresentam formalmente sistematizadas, colaboram para a reflexão sobre o ensino e a formação de educadores pela investigação-ação superando dicotomias entre pensamento e atividade nas práticas culturais.

DANÇA E EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO, SABERES E PODERES EM MOVIMENTO

A arte não se isola da economia, política e/ou padrões sociais que atuam na sociedade e por isso a preferência em determinada sociedade, por formas e linguagens/técnicas estéticas e artísticas dependem de fatores que surgem e desenvolvem-se, condicionadas por seu contexto sócio-histórico-cultural relacionando-se organicamente com a sociedade em que se produz, distribui e consome.

A questão é que, a arte não se apresenta inatingível das relações com o mercado, pois, qualquer prática humana tem sido diretamente influenciada nesse contexto. Nesse sentido, a cultura encontra-se vinculada a relações de ordem diversas e por isso, há de se considerar que as formas artísticas também expressariam também ações políticas e sociais.

Em Bourdieu e Darbel (2003), ao analisarem a frequência de visita pública a museus europeus de arte, por exemplo, observaram uma interdependência desta ação ao modo de ser mediado por um nível de instrução mais elevado e ainda de situação social que compreende uma atmosfera de aquisição de códigos e/ou linguagens artísticos específicos.

Dessa investigação apreendemos que o desejo de participação formal desta prática cultural também decorreria de certo interesse da mudança na condição econômico-social, por entender-se que este

tornaria um dever constitutivo do ser social e que no campo da erudição, haveria também uma relação familiar de conservação tradicionalista.

Assim, considerando que a parcela daqueles que receberam da família uma iniciação precoce cresce consideravelmente com o nível de instrução, o que é possível identificar através do nível de instrução limita-se a ser o acúmulo dos efeitos da formação adquirida no seio da família com as aprendizagens escolares, por sua vez, pressupostas por tal formação (BORDIEU e DARBEL, 2003, p.54).

Convém dizer que uma necessidade cultural se constitui fruto da educação, que por sua vez necessita da criação de meios, espaços e tempos de instrução para que possa ser usufruída de forma institucionalizada. Na possibilidade do usufruto da arte em espaços institucionalizados, a competência artística dependeria da aquisição de um conhecimento prévio de se (re)conhecer divisões possíveis de classes complementares num universo representativo (de forma consciente e inconsciente) de princípios e classificações estilísticas, dando condições de se perceber a obra de arte de maneira estética enquanto significante que nada significa para além dele mesmo.

No contato com o código artístico, saber identificar semelhanças que pressupõe a necessidade de se (re)conhecer a referência implícita e explícita das diferenças que envolvem sua constituição. Um bem cultural pode ser objeto de apreensões desde uma simples sensação momentânea ao reconhecimento de suas regras e tradições no lugar de uma percepção integrada do deleite e, nesse lugar, tem importância a necessidade de subsídios pedagógicos de mediação, uma vez que pode ajudar a desvelar condições de classe e hierarquias comuns no sentido de liberdade e autonomização social da própria cultura e de suas práticas.

Assim, se não existe uma familiaridade do sujeito, sua percepção se limita a ordens comparativas da experiência existencial, imediata e cotidiana que se finda num simples reconhecimento daquilo que apenas aparentemente é representado. Observa-se que nas práticas culturais formais, há uma tendência de que este acesso a obras que lhe são específicas tem se constituído ainda (e apenas) como um privilégio de uma classe que se manifesta na aparência de certa legitimidade, pois, enquanto bem simbólico considera que existe somente para aqueles que detém os meios de sua apropriação, decifrando-a:

Do mesmo modo, os visitantes oriundos das classes populares se interessam, preferencialmente, pelas obras “menores” que lhes são mais acessíveis, como os móveis e as cerâmicas, os objetos históricos ou o folclore, seja porque conhecem seu uso, dispondo de elementos de comparação e de critérios de avaliação (ou, ainda melhor, de apreciação de seu verdadeiro sentido), ou porque a cultura exigida para a compreensão de tais objetos, a saber, a cultura

histórica, é mais comum; por sua vez os membros das classes superiores prestam maior atenção às obras de artes mais nobres (pinturas ou esculturas) (BORDIEU e DARBEL, 2003, p.92-93).

As práticas culturais tendem a construir um sistema, que interdependente de certo grau de instrução, materializa um domínio equivalente a outros domínios também culturais. Portanto, não são apropriações isoladas e desconectadas com a totalidade pertencente à existência histórico-social dos sujeitos. Há uma correspondência de transferabilidade na esfera das aprendizagens que vão se acumulando por inúmeros trabalhos realizados por estes no campo da experiência em esquemas de apreensão do pensamento, da percepção e na expressão. Assim, na condição inteligível de decodificação de sistemas concretos, significados e organizados no sentido de competência, as práticas culturais também direcionam comportamentos culturais uma vez que representam uma cultura incorporada.

Na educação escolar, existe um pressuposto de se buscar desenvolver nos sujeitos uma aptidão integral para as práticas culturais tidas como cultas ou formais, por serem espaços sistematicamente específicos pertencentes à dinâmica de espaço-tempo social para a educação dos sentidos. Neste sentido, compreende-se que atitudes em relação às obras culturais estão também associadas aquilo que seria definido como capital cultural, numa relação com a tradição em que a cultura na cumplicidade de relações institucionalizadas teria como princípio uma inculcação devota que, desde a primeira infância, se faz presente a partir das orientações de agentes, comunidades e/ou grupos sociais onde há uma série de (com)partilhamentos.

Se a arte ainda se apresenta como um saber erudito, no sentido de que esta pode ser sistematicamente estudada, a educação formal via instituição escolar tem um papel fundamental no seu ensino ao contrário daquilo que possa vir a ser pensado como uma dependência exclusiva e nata da capacidade individual ou apenas da boa vontade cultural do sujeito.

O modo de produção da vida material pelo trabalho condiciona todo o processo da vida social e a vida humana ao determinar a consciência, a produção de ideias e as representações pela atividade material (re)produz a linguagem – entendido como sistema simbólico que se apresenta por signos, que culturalmente têm uma evocação relacional da vida real.

O desenvolvimento de práticas culturais como programação habitual de estrutura do pensamento e da linguagem, interdepende do desenvolvimento da identificação daquilo que se aponta para o condicionamento da aceitação e da naturalização de ideias ligadas à condição de pertencimento e do

acesso de uma cultura social que, por sua vez advém da relação consequente entre dominantes e dominados (MARX e ENGELS, 1974).

A apropriação da realidade condicionaria sua manifestação e a aquisição da linguagem como condição, parte e produto cultural refletiria a cultura geral na medida em que se (re)construiria por princípios e relações que lhes são correspondentes e acumular-se-ia na consciência comunitária pela hereditariedade social de conhecimentos adquiridos que, de resultados favoráveis, seriam recolhidos, conservados e (re)transmitidos entre gerações.

Neste lugar, a arte como linguagem que estabelece vinculação direta com a vida cotidiana em sua produção, enquanto conhecimento, mediação e construção de sentidos e significados com outros saberes nas dimensões simbólicas e estéticas, apresentam práticas culturais diversas que possibilitam desvelar diálogos entre aquilo que se apresenta em conteúdo e forma de maneira culta ou formal e popular.

Na educação escolar, a arte como componente curricular através de sua ramificação nas linguagens cênicas, musicais e visuais, com domínios de um conhecimento próprio, multifacetado e específico da cultura artística apresentam-nos possibilidades de discussão entre as práticas culturais presentes no mundo e que lhes são correspondentes.

Para nos apropriarmos de uma linguagem, entendermos, interpretarmos e darmos sentido a ela, é preciso que aprendamos a operar com seus códigos. Do mesmo modo que existe na escola um espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte. É por meio delas que poderemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. Assim, mais fronteiras poderão ser ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas sensíveis e subjetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade, ou seja, o modo de interação entre grupos étnicos e, em sentido amplo, entre culturas (MARTINS, 1998, p. 14).

No caso da dança, um campo diferenciado da atividade social e como modo de se praticar a cultura, onde a organização espaço-temporal do corpo em movimento que em sua expressividade e forma que dança revela uma relação com o mundo isso torna-se sobremaneira necessário porque seu ensino tradicionalmente ainda não têm contemplado todas as possibilidades de manifestação em suas diferenças étnico-raciais, religiosas, de gênero, culturas e/ou mesmo de classes sociais, uma vez que aquilo que seria considerado relevante estaria diretamente relacionado às práticas cultas ou formais acadêmicas e apresentam jogos de poderes que legitimam certas verdades artísticas, estéticas e/ou culturais.

Assim, enquanto alguns apostam no reforço do papel da escola enquanto agência de legitimação da ordem cultural e social, e insistem na reestruturação de sistemas duais de educação e formação destinados a alimentar hierarquias funcionais para responder às exigências da economia, outros continuam a defender a importância da escola enquanto agência de socialização das novas gerações e o lugar privilegiado para a construção da cidadania na lógica do Estado-nação, e outros ainda, esperam que a escola, sem abdicar de níveis elevados de exigência científica, democrática e pedagógica, se empenhe na promoção do sucesso das aprendizagens e no desenvolvimento de sujeitos críticos e participativos, numa lógica mais referenciada aos direitos sociais e culturais enquanto direitos humanos básicos (AFONSO, 2001, p.30).

A dança numa perspectiva educativa contribui para o desenvolvimento das capacidades humanas, pois, o movimento concebido de forma expressiva e comunicativa, permite ao sujeito compreender o mundo de maneira diferenciada. Na harmonia entre movimento e dança, partindo da compreensão das qualidades desse movimento nas diversas formas de expressão e subjetividade, proporcionar-se-ia a integração entre conhecimentos cognitivos, habilidades criativas e a percepção de sensações. Pode propiciar ainda a construção de experiências estéticas que passam pelo envolvimento do sensível, sentimentos e opiniões.

Na educação escolar coexistiriam possibilidades de ensino, transmissão e produção artística em níveis científicos e intelectuais e por isso, a dança ganha espaço, importância e pode contribuir para uma educação transformadora. A partir da concepção de um ensino crítico-reflexivo, numa abordagem metodológica que entende as relações existentes entre arte, ensino e sociedade, seria possível o desenvolvimento das capacidades de leitura, interpretação, percepção e análise em dança enquanto conhecimento e linguagem, na condição de praticantes e/ou expectadores.

Ao se compreender que o sujeito possui vivências e experiências corporais diversas e que a escola precisa estar sensível ao ensino de conteúdos de forma significativa, a dança ganha importância nesse contexto e na formação humana ao possibilitar experiências que proporcionem novos olhares para o mundo, envolvendo a sensibilização e conscientização de valores, atitudes e ações transformadoras na sociedade. Esse pensamento se expressa em Marques (2010, p.145) quando a autora nos afirma que:

A proposta metodológica de Dança no Contexto permite e enfatiza a construção de redes de relações, de tessituras múltiplas e abertas entre os saberes específicos da dança (vértice da Arte) e as relações desses saberes com os atores sociais (vértice do Ensino) que vivem no mundo e com ele dialogam (vértice da Sociedade).

Porém, conforme também contribui e aponta Strazzacappa (2001), esse caminho não tem sido fácil. Existem problemas ainda não superados em relação à dança na escola que dizem respeito aos

objetivos e finalidades de seu ensino, quando estão essencialmente voltados à ocupação do tempo ocioso dos estudantes e/ou por seu caráter meramente utilitarista, acessório e decorativo Também a sua subvalorização, quando comparada aos demais saberes escolares e de como se estrutura, organiza e funciona nos currículos escolares. E ao tipo de dança a ser ensinada, considerando sua relação como prática cultural formal e popular e quando se predomina apenas o ensino de uma técnica específica geralmente elitista, academista e codificada.

Outras preocupações dizem respeito ainda aos métodos e metodologias de ensino-aprendizagem, bem como as formas de abordagem dos conteúdos. No lugar da docência, ao tipo de profissional responsável pelo ensino (que nem sempre é o professor-artista-pesquisador) e sua correlação com uma formação técnica e/ou acadêmica. E por fim, em relação ao trato com questões polêmicas que permeiam o universo da dança e são resultados da totalidade relacional pertencente à dinâmica sócio-histórico-cultural humana em curso.

Por fim, convém salientar que as práticas culturais em dança adquirem pra nós relevância no lugar de estudos, pesquisas investigativas pela ação, quando compreende-se que os aspectos particulares da realidade geral da cultura, bem como da produção do conhecimento, de saberes diversos e dos poderes que possam vir a serem desvelados abarcam a possibilidade de entendimento de que sua materialização acontece cotidianamente nos campos da educação formal, não-formal e informal. Considerada todas estas questões e, dada ainda a natureza e o grau de importância da pesquisa em educação no contexto das práticas culturais a ser desenvolvido pelo trabalho do(a) pesquisador(a), é possível afirmar a existência das dimensões que se expressam em ordem epistêmica, pedagógica e social – tal qual nos apresenta Severino (2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexificação do modo de vida em curso na hominização impõe que a realização do ser seja configurada na ação coletiva e na passagem para uma etapa histórico-social da produção e de diversificação cultural. A cultura é cotidianamente (re)produzida por uma necessidade existencial humana, para ser apropriada e se chegar a finalidades de uma ação com realização coetânea. É um produto do existir, resultado da vida concreta no mundo habitado e das condições passadas durante um determinado período da própria existência.

São experiências realizadas que se acumulam, são discernidas, fixadas como resultados, convertidas em ideias, imagens e/ou representações simbólicas, generalizadas como ideias e instrumentos

organizados enquanto técnica de produção da existência em geral humana em si, de si e/ou para si. Sob este viés, uma educação formal escolar transformadora, ativa e presente no exercício democrático de formação cidadã, parte da existência de desigualdades para uma transmissão competente e consciente do conhecimento, preparando sujeitos para o mundo que compreende a existência de múltiplas motivações, reconhece o outro na determinação das condições de se fazerem mutuamente existir e possibilita uma comunicação intercultural em redes.

Importa romper com desigualdades que torna a escola pública ineficiente e excludente, permitindo que haja uma formação criativa, inovadora e que tenha a liberdade como prática social, onde a preparação genérica dos sujeitos para a sociedade se torne ampla e para além de sua inserção econômica exclusivamente no mundo do capital. E que, no processo educacional, o mundo da subjetividade humana seja capaz de entender o mundo orgânico da vida pelo trabalho pela condição da convivência e da sociabilidade.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A.J. Os lugares da educação. In.: SIMSON, O. R. de M.V. (E. al. Orgs.). Educação não formal: cenários da criação. Campinas: Unicamp, 2001, p.29-38.
- BOURDIEU; P.; DARBEL, A. O amor pela arte: os museus de arte da Europa e seu público. São Paulo: USP/ZOUK, 2003.
- CHAUÍ, M. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORTE REAL, M.P. As musicalidades das rodas de capoeira: diálogos interculturais, campo e atuação de educadores. Tese de Doutorado (em Educação), Florianópolis: PPGE/CED/UFSC, 2006, p.14-34; p.78-280.
- CUCHE, D. A noção da cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1999.
- GOHN, M. da G. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.7-20; 90-111.
- MARQUES, Isabel A. Linguagem da dança: arte e ensino. 1ª Edição. São Paulo: Digitexto, 2010.
- MARTINS, M.C.A.; A linguagem da arte. In.: MARTINS, M.C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M.T.T.; Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer. São Paulo: FTD, 1998, p.10-51.
- MARX, K.; ENGELS, F. Sobre literatura e arte. 4 ed. Lisboa: Estampa, 1974.
- PRASS, L. Saberes musicais em uma bateria de escola de samba (ou por que “ninguém aprende samba no colégio”). In: Em Pauta Revista do Programa de Pós-Graduação em Música v.1 n. º1. Porto Alegre: UFRGS, 1989, p.5-18.
- SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.
- TRAMONTE, C. A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis. In.: TRAMONTE, C. O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: NUER/UFSC, 1996, 15 – 18; p.209 – 270.
- VIEIRA PINTO, A. Teoria da cultura. In.: Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.119-128.

NOTAS

Nota 1

O Carnaval é uma festa de origem europeia que no Brasil progressivamente é incorporado por elementos da cultura afro-brasileira. Para Tramonte (1996), os elementos do desfile das escolas de samba são resultados de um processo vivo e dinâmico, transmitidos entre gerações, que trazem mensagens estruturadas através de ritos constituídos por: comissão de frente (responsável pela abertura do enredo), carro abre-alas (carro alegórico que informa o tema do enredo), mestre-sala e porta-bandeira (casal anfitrião responsável pelo louvor à bandeira e saudação do público), alas (grupos organizados por passistas uniformemente fantasiados, que realizam movimentos coreografados ou improvisados segundo a evolução do samba-enredo), ala das baianas (sambistas mais idosas ou experientes da escola de samba), ala dos compositores (responsáveis pela criação e composição musical do desfile), bateria (instrumentistas de percussão responsáveis pelo ritmo da escola de samba no desfile), destaque (personalidade fantasiada miticamente de forma mais pomposa), grupos de shows (passistas que apresentam performances corporais mais elaboradas), passistas (integrantes da escola com maior liberdade executiva de movimentos e sambam com grande maestria), coordenadores de harmonia (responsáveis pela organização, gestão e direção do desfile nas mais diversas tarefas).

Notas 2

Em Corte Real (2006) a capoeira é definida como uma prática cultural, que congrega dimensões de dança, luta, jogo, ritual, dentre outras. Tem como espaço de realização um círculo, chamado de roda, formado por participantes que se encontram num tempo simbólico ritualístico que envolvem as dimensões da arte (dança e música) como aspectos de luta entre dois jogadores oponentes que, animados por cânticos alusivos à memória dos negros expressam dimensões de lutas coletivas, resistência cultural e de contestação social.

Capítulo 6



10.37423/220205324

LUDOTECA UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DOS CORPOS-CRIANÇA QUE NELA BRINCAM

Maria do Carmo Morales Pinheiro

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Amanda Rezende Pereira

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)



Resumo: O estudo investiga como os corpos-criança olham, sentem e pensam uma Ludoteca Universitária que frequentam a partir dos elos estabelecidos com ela, e tem como objetivo pensar as conexões de afetos e sensações provocadas nos corpos-criança quando nela brincam. Metodologicamente, usamos a cartografia (BARROS; KASTRUP, 2009). A investigação indica a importância de fortalecer a existência de territórios-brincantes: provocativos, desejantes, que aticem a reinvenção de mundos de modo aberto e alegre.

Palavras-chave: *Ludoteca, Corpos-criança, Brincar.*

1. INTRODUÇÃO

A Ludoteca Universitária da qual este texto trata é um ambiente localizado na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), instituição que até 2019 era uma Regional da Universidade Federal de Goiás (UFG/RC) e que ganhou autonomia e independência institucional em 2020. Nossa Ludoteca existe desde 2011 como ambiente didático-pedagógico, experimental e arteiro do curso de Licenciatura em Educação Física (EF) que oferece jogos, brinquedos e brincadeiras a corpos-crianças² que, no ato brincante, têm provocadas suas subjetividades, potencialidades, potências e aprendizados (PINHEIRO, 2018; PINHEIRO, 2011). Assim, a Ludoteca UFCAT estimula e fortalece o ato criador com atividades como a dramatização, o faz-de-conta, a construção, a problematização de situações lúdicas, a inventividade para sanar questões e propor outras, a interação dos corpos-criança com seus pares e com outros corpos. Nela, os corpos-criança escolhem o que e como fazer, experimentando um ambiente aberto e acolhedor da sua produção desejante; mas, eventualmente podem, também, participar de atividades mais estruturadas.

O importante é proporcionar o ato brincante como atitude existencial fundamental, mesmo numa instituição não especificamente destinada às crianças, como é o caso da universidade. É nesse sentido que defendemos a relevância de se ter uma ludoteca nas instituições educativas, pois de acordo com Friedmann (1992), é um espaço preparado para a criança brincar, lugar onde tudo convida a explorar, sentir, experimentar. A Ludoteca UFCAT existe num curso de Educação Física, área de conhecimentos para o qual as questões afetas ao corpo e à ludicidade são fundantes.

Ao pensar as ludotecas, Santos (1997, p.6) diz: “este ambiente criado para a criança impulsiona habilidades criativas e possibilita também a construção do conhecimento de tempo rizomático, de pura intensidade, um corpo de forças, forças que apoderam, vida que se põe viva, que faz sentir o que não se vê, provocando o mundo”. É com base nessa perspectiva e a partir da problematização desse espaço como lugar de produção de uma educação para as potências e de produção de subjetividades mais fluídas, que propomos esta escrita.

O contato com as crianças na Ludoteca UFCAT nos fizeram perguntar: qual é a importância do lúdico para os corpos-criança? E as interações que se passam nesses encontros? Que laços afetivos os movem? O que mobiliza esses corpos-criança na direção da ludoteca? Se gostam do espaço da ludoteca, por que gostam? Por que voltam à ludoteca e não querem ir embora? Tais questões instigam a querer captar os fluxos e movimentos que atravessam o corpo de nossa Ludoteca universitária nos encontros com os corpos-criança que, momentaneamente, a habitam (e agitam), pois “a experiência

sensível do corpo é um truque surpreendente das mãos que tocam num tempo cronológico para daí extrair outro tempo, (...) da alegria, da novidade, tempo não marcado, para assim existir outras possibilidades de fronteiras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.18). Um corpo intensivo, aberto às afecções, que se deixa tocar pelos encontros.

Assim, este texto problematiza como os corpos-criança, protagonistas da ação brincante, olham, sentem e pensam a Ludoteca UFCAT a partir dos elos estabelecidos com ela; e objetiva pensar as conexões de afetos e sensações provocadas nos corpos-criança nos encontros brincantes que com ela têm. Mostra esses achados por meio da exposição de um dos dispositivos de produção de dados da pesquisa: os desenhos.

2. ANDAR PARA ENCONTRAR: CARTOGRAFIAS BRINCANTES DO TERRITÓRIO LUDOTECA

Do ponto de vista metodológico esta é uma pesquisa-intervenção, denominada cartografia, que é o traçado de um plano da experiência, acompanhando os efeitos dessa experiência com o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento desencadeada no próprio percurso da investigação (BARROS; KASTRUP, 2009).

Nesse sentido, não se trata de representar (re-apresentar) o mundo, mas de acompanhar processos, estabelecer conexões e construir o traçado de linhas que o compõem. Cartografar a Ludoteca UFCAT se faz como exercício que tenta captar mobilidades desse território, exigindo atenção e sensibilidade do pesquisador para desembaraçar conexões, desvios e movimentos inusitados com base na experiência fundada no plano.

A etimologia da palavra método (metá-hódos) indica um caminho (hódos) determinado pelas metas (Metá) estabelecidas para que o pesquisador ande (ESCÓSSIA, KASTRUP, PASSOS, 2009). Para os autores, esse sentido é invertido na cartografia, pois propõe uma reversão metodológica que consiste na aposta da experimentação do pensamento; um método não para ser aplicado, mas, sim, experimentado e assumido como atitude: sem abrir “mão do rigor (...) do caminho (...). Sua precisão está mais próxima dos movimentos da vida” (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2009, p.11). Cartografar, assim, é estar disponível aos acasos e atravessamentos que o território-Ludoteca oferta, sendo o pesquisador-cartógrafo, dentre as muitas forças aí circulantes, outra força desse processo.

A cartografia foi usada como caminho para pensar esse campo complexo, de modo a prestar atenção nos campos de força produzidos no corpo-ludoteca, em constante busca pela singularidade dos encontros, dando expressão a esses acontecimentos. Nessa busca, a cartografia produz outra postura

investigativa, implicada no campo investigativo do qual se alimenta e ajuda a alimentar: “o cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorando” (ROLNIK, 2007, p.25); está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias.

A cartografia não possui critérios fixos, mas cria movimentos e desvios próprios, concentrando-se na localização de pistas e signos do processo em curso. Quem lança mão desse método, o cartógrafo, de acordo com Rolnik (1989), é quem deve deixar fluir os afetos³ que pedem passagem; dele se espera que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo. O cartógrafo mergulha na varredura dos territórios, utilizando-os como potência; se entrega para a vida e para a sensibilidade. Desse modo, o objetivo do andar da pesquisa é estar mergulhada na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção, ou que se pode chamar de plano da experiência.

Desse ângulo, abordamos o corpo-ludoteca em seus contextos e interações, movimentos e estagnações, apostando na possibilidade de captar o olhar infantil por meio de dispositivos de produção de dados. Para Deleuze (2005), o dispositivo é um agenciamento que busca efetuar, articular, dispor processos de diversas procedências e de diferentes naturezas, que podem ser elementos de séries tanto homogêneas como heterogêneas. O dispositivo agencia três tipos de linhas: de saber, poder e subjetivação; pode ser entendido como uma máquina de produção de discursos e de ações-relações em que se faz ‘falar’ e ‘ver’; produz enunciações, visibilidades, acontecimentos e modos de ser. Assim, os dispositivos de produção de dados usados nesta pesquisa foram: fotos-selfies feitas pelos próprios corpos-criança *do* e *no* corpo-ludoteca, desenhos, improvisação de estória que tematiza a ludoteca e, por fim, roda de conversa com os corpos-criança participantes desta pesquisa.

Neste texto, recorte de uma pesquisa de graduação, abordamos apenas os dados produzidos pelo dispositivo *Desenho*, momento coletivo, colorido e sorridente, donde nasceram diálogos acerca das expressões gráficas infantis, buscando captar/mapear suas intensidades. Dos 14 corpos-criança participantes da pesquisa, frequentadores assíduos da Ludoteca no período noturno, apresentamos os diálogos com A11, J10, N8, D10, I9. As letras são iniciais dos nomes e os números, as idades. Os participantes foram selecionados de acordo com o fluxo de frequência no turno da noite (média era de 10 visitas por mês), estando todos registrados na ludoteca, com identificação e contato dos/as responsáveis. Seus vínculos com a universidade existem em função de acompanharem servidores, estudantes e/ou adultos que frequentam ações extensionistas da Educação Física. Destacamos, também, que os responsáveis por essas crianças assinaram o Termo Livre de Consentimento Esclarecido (TCLE), autorizando sua participação nesta pesquisa.

No processo de produção de dados, sobressaem os encontros, aqui pensados como algo inusitado, que simplesmente acontece, sem previsões ou controles de nenhuma ordem, e que nunca se faz sem um grau de violência: trata-se de um movimento que é violento, pois desacomoda e faz com que se saia da mesmice (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Destacamos os encontros com as mãos, os pares, lugares e com a pesquisadora brinquedista (PB).

3. OS CORPOS-CRIANÇA NA LUDOTECA: CARTOGRAFANDO SUAS PERSPECTIVAS

No desenho de A11, é traçado o encontro da menina com a Ludoteca, sobretudo, por meio da mão que acena com flores e um coração. Na conversa, perguntamos:



Figura 1: Encontro das mãos

PB: "O que seria o seu desenho?";

A11: "um coração com algumas flores";

PB: "Por quê?";

A11: "Vejo a ludoteca como um lugar aconchegante e alegre. Flores, pois é divertido. A mão, porque aqui poderei deixar minha marca também, todos saberão que passei aqui e outros que vierem para esse lugar também deixarão suas marcas".

O encontro com as mãos carimbadas na parede da Ludoteca lhe faz senti-lo como lugar alegre, que acolhe as marcas de quem ali passa e desperta aconchego e alegria nos corações. Um encontro que impacta e afeta as crianças, por ser vivo: mesmo que o tempo passe, os sentidos das mãos marcadas provavelmente sempre afetarão os corpos. Encontro/mãos que estranha, que causa alegria, em um emaranhado de cores esvoaçantes. A mão roxa D10 (Menina, 10 anos) em desenho, nos provoca a olhar o seu encontro com as mãos de modo diferente. Vejamos o diálogo abaixo:



Figura 2: Marca das mãos

PB: O que você desenhou?

D10 Minha mão (nela está gravado o que sinto). Amo esse lugar, nunca vou esquecer a ludoteca

PB: Porque?

D10: Porque aqui posso brincar de fantasiar, cozinhar e eu gosto de brincar de boneca, lá em casa não tem muitas como aqui. A mão representa todo mundo.

PB: O que você imaginou nesse desenho?

D10: Que a ludoteca é uma família, sabe, somos todos amigos.

D10 é afetada pelo encontro com as mãos, que guardam sensações e põem a pensar nas alegrias, surpresas e encontros com outros corpos-brincantes (amigos) no grande corpo-ludoteca. Mãos que recordam que seu sentir é lúdico, envolvente com a imaginação. As mãos atizam suas memórias, que a fazem pensar a ludoteca como uma casa onde todos se envolvem no brincar e criam elos. Corpos que se contagiam e, assim, se conectam uns aos outros.

Lemos esses como bons encontros, pois ampliam a potência (DELEUZE; GUATTARI, 1997) de sentir, agir e existir das crianças, um modo de afetar e ser afetado: “afecção é o estado da ação de um corpo quando ele sofre ação de outro corpo, é uma mistura de corpos, em que um corpo age sobre o outro, e estes recebem as relações características do primeiro” (MACHADO, 2009 p, 74). Encontros que nos passam, tocam, afetam e causam um emaranhado de pensamentos e sensações capazes de nos pôr em variação a ponto de nos diferenciarmos de nós mesmos.

Os corpos-criança parecem dizer que é possível brincar com as mãos, mesmo sendo elas impressas na parede da ludoteca, encontro que gera muitos elos: entre os corpos-criança, com objetos, desenhos e cores da ludoteca. Todos querem deixar sua marca nesse lugar e as mãos são um jeito de vivificar as memórias de seus passantes. Tais elos nascem porque os corpos-criança se deixam tocar por esse universo lúdico e a ele se entregam de corpo inteiro. Para as crianças, o brincar tem que ser em grupo,

pois é importante haver muitos corpos na brincadeira. A relação brinquedo-criança e outros corpos pode ser tão intensa a ponto de conectá-los de modo a colocar em imanência as forças que atuam nessa realidade.

Numa forma de pensar não-dicotômica (DELEUZE; GUATTARI, 1997), convoca-se a imanência, a exterioridade das forças que atuam na realidade, buscando conexões, abrindo-se ao que afeta. Assim, a subjetividade é pensada como sistema complexo e heterogêneo, constituído não só pelo sujeito, mas também pelas relações que ele estabelece e que atuam rizomaticamente, de modo transversal, ligando-o processualmente a situações, ao coletivo, ao heterogêneo (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Tais ligações entre os corpos-brincantes aparecem no desenho de J10, menina, que diz:



Figura 3: Encontros entre Corpos

“o desenho mostra um pouco a ludoteca, tem eu, minhas irmãs e amigos”

PB: “E o coração?”

J10: “o coração é o que liga a gente, a ludoteca, é nele que sentimos alegria e amor uns pelos outros. O coração é amor, é o que sinto por esse lugar”.

O brincar é despertado quando ela está junto a suas irmãs e amigos; encontros que conectam o brincante ao corpo-ludoteca. Brincar sozinho não é o mesmo brincar compartilhado com irmãs e amigos. O coração é o que liga os corpos a ludoteca, disparando sensações como alegria. Um acontecimento que força o sentido, puxando linhas de existência que provocam vida. Como J10, no desenho de N8, há uma porta, uma mesa com flores, fantasias e as estantes de livros, e, no centro, cinco pessoas juntas. Questionada acerca dele, N8 diz: “A ludoteca é cheia de luz; por que nela tem muito livro, pra mim ler e pessoa pra brincar”. Para N8, o desenho contém “a família”, destacando o pai, por sentir sua falta. Ela gostaria que o pai estivesse com ela na ludoteca, lugar que lhe transmite paz e alegria.



Figura 4: Corpos-brincantes

PB: E as outras pessoas com você no desenho?

N12: É o resto da minha família.

PB: Então, você gostaria que estivessem com você nesse lugar?

N12: Sim, seria tão bom que tivesse aqui comigo eles. [Nesse momento se fez um silêncio]

Vemos que N8, em seu desenho, assim como J10, coloca seus pares em suas imagens; destacando a figura do pai. Ela manifesta o desejo de que ele estivesse presente em momentos vividos no corpo do brincar e isso lhe causa dor 'lembranças que a faz sentir tristeza'. Outras pessoas da família também compõem seu desenho. Um lugar que desperta luz, não de uma lâmpada acesa, mas que lampeja nos encontros com os objetos do corpo-ludoteca, como os livros e o mundo da leitura que, de algum modo, despertam o contato com outros mundos desejados. Ao mesmo tempo, esse mundo atíça lembranças do pai e faz sentir um misto de tristeza/alegria.

Ao olhar/pensar os desenhos e conversas com os corpos-criança, vemos que um dos lugares mais atraentes é a piscina de bolinha. O desenho de I9 (menina), mostra uma piscina de bolinhas enorme. No desenho se lê: "Ludoteca", e, logo abaixo, a seguinte frase: "O lugar onde você pode imaginar tudo o que quiser". A piscina de bolinha parece, assim, ser um lugar que provoca imaginação, criação de mundos, invenção de histórias, onde tudo é possível. "Ela é grande e colorida, cabe muita gente; posso movimentar o meu corpo para onde eu quiser; posso jogar bolinhas para cima, é como num mar nadando" (I9).

A ideia a qual a fala de I9 nos remete é a de que personagens nadam em alto mar de bolas coloridas, ganham vidas e histórias sem igual. A piscina de bolinha já não é mais a mesma, pois se transforma em outros corpos, que fazem parte do mundo do imaginário e nela se torna possível trazê-los para o brincar. A seguir, a conversa acerca do desenho I9:



Figura 11: Seleiro das Fantasia

PB: Conte o que desenhou?

I9: Desenhei casinha de bolinha, mesa onde a gente está desenhando, menina que sou eu.

PB: Você gosta da ludoteca?

I9: Sou apaixonada na ludoteca, venho aqui sempre

PB: Por que você gosta tanto da piscina de bolinha?

I9: Ela é grande e colorida cabe muita gente; posso movimentar o meu corpo para onde eu quiser; posso jogar bolinhas para cima, é como num mar nadando.

A piscina de bolinha atrai por ser grande: as cores convidam a explorar suas dimensões; ao explorá-la e experimentá-la, as crianças conhecem a si e aos outros corpos. Ela parece provocar sensações de liberdade e espontaneidade. Nesses momentos percebidos no corpo-ludoteca, a cartógrafa precisa deixar fluir os afetos que pedem passagem, como ensina Rolnik (2007), e, ao analisar os espaços em uma perspectiva ativa, se entrega para a vida e a sensibilidade.

4. ENCONTROS FINAIS

No percurso desta pesquisa, as perspectivas cartografadas perpassam as cores, fantasias e os cantos do território-ludoteca, que marcam os encontros dos corpos-criança com ele e os conectam uns aos outros de modo potente e afirmativo da vida, de suas existências que entram em composição, pois os fazem sentir, pensar e elaborar esse ambiente como um corpo que deseja, respira, tem ritmo, luz e cor.

Um corpo intensivo que toca e deixa ser tocado, pelo estranhamento e encantamento do produzidos nesse mundo do brincar. A ludoteca deixa marcas, emoções e surpresas nos corações-brincantes que pelo seu universo passam e se deixam afetar. Bons encontros de corpos-criança, corpos- brincantes e

corpo da cartógrafa, que imersos nesta experiência, deram voz aos sentidos e significados produzidos. As crianças foram afetadas a todo o momento por esses encontros, que as potencializam a criar, inventar novos mundos, para uma vida que se expande. A ideia de afeto em Deleuze a partir de Espinosa, diz que o afeto é “a variação contínua da força de existir na medida em que essa variação é determinada pelas ideias que se tem” (1978, p.16), considerando essa variação como uma sucessão de ideias que se afirmam em nós. Os principais afetos/afecções se fizeram a partir dos encontros com as mãos, que guardam sensações, que nos colocaram a pensar nas alegrias, surpresas, encontros com outros corpos-brincantes (amigos).

O estudo aponta a importância de potencializar a existência de territórios-brincantes provocativos, desejantes, que aticem a criação, a reinvenção de mundos de modo divertido e livre, a ponto de ultrapassar suas quatro paredes. Assim, para finalizar esse encontro, desejamos que deste escrito nasçam outros tantos, intensos e que assumam riscos, desarrumem os inícios, criando os meios, as passagens e as atmosferas.

5. REFERÊNCIAS

- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: ESCÓSSIA, L. de.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. (Orgs.). Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.
- DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ESCÓSSIA, L. de.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. (Orgs.). Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.
- FRIEDMANN, A. A evolução do brincar. In: FRIEDMANN, A. et al. O direito de brincar: a brinquedoteca. 2 ed. São Paulo: Scritta: Abring, 1992. p.23-31.
- MACHADO, R. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- PINHEIRO, M. C. M. O corpo como campo de forças da infância: resistência, criação e afirmação da vida. Riga/Lituânia: Novas Edições Acadêmicas, 2019.
- PINHEIRO, M. C. M. O direito das crianças ao lúdico no século XXI: Ludoteca como alternativa. In: PINHEIRO, M. C. M. (Org.). Do avesso: peripécias dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil. Aveiro/PT: Ludomedia, 2018. p.133-152.
- PINHEIRO, M. do C. M. Ludoteca. Projeto de Extensão. Goiânia: PROEC-UFG, 2011.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- SANTOS, S. M. P. dos (Org.). Brinquedoteca. Porto alegre. Artes Médicas, 1997.

NOTAS

Nota 1

Este texto é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação defendido na Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Nota 2

O termo corpos-criança foi extraído da Tese de Doutorado “O corpo como campo de forças da infância: resistência, criação e afirmação da vida” (PINHEIRO, 2019), e busca afirmar o corpo como parte fundante e fundamental da existência, ao invés de uma coisa (res extensa) possuída e, por isso, objeto a ser dominado, manipulado. Assim, não cabe falar do corpo ‘da’ criança, mas de corpos-criança, isto é, de crianças cuja existência é corpórea, de corpos cuja existência é infantil.

Nota 3

Afetos são aqui considerados a capacidade de tocar e de deixar-se tocar, estes não surgem de nenhuma espécie de individualidade dos corpos. A própria palavra afetar designa o efeito da ação de um corpo sobre o outro, em seu encontro (ROLNIK, 2011, p.57).